



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

REGIANE SILVA BASTOS

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: ANÁLISE DE RECURSOS E DE ESTRATÉGIAS
UTILIZADAS PELAS PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

FORTALEZA-CE

2015

REGIANE SILVA BASTOS

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: ANÁLISE DE RECURSOS E DE ESTRATÉGIAS
UTILIZADAS PELAS PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito para obtenção do Título de Especialista em Educação Infantil. Área de concentração: Educação Infantil.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Meire Virginia Cabral Gondim

FORTALEZA- CE

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

B33c Bastos, Regiane Silva

Contação de histórias: análise de recursos e de estratégias utilizadas pelas professoras na educação infantil / Regiane Silva Bastos. – 2015
82 f. ; 30 cm.

Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Especialização em docência na educação infantil, 2015.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Meire Virginia Cabral Gondim

1. Educação infantil I. Título.

CDD 370

REGIANE SILVA BASTOS

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: ANÁLISE DE RECURSOS E DE ESTRATÉGIAS
UTILIZADAS PELAS PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito para obtenção do Título de Especialista em Educação Infantil. Área de concentração: Educação Infantil.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Meire Virginia Cabral Gondim

FORTALEZA- CE

2015

REGIANE SILVA BASTOS

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: ANÁLISE DE RECURSOS E DE ESTRATÉGIAS
UTILIZADAS PELAS PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil aplicado na Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Educação Infantil.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Meire Virginia Cabral Gondim

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Meire Virginia Cabral Gondim (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Vicente de Lima Neto (Examinador)
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)
(UFC)

Prof.^a Dra. Fátima Sampaio Silva (Examinadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico este trabalho aos meus filhos e ao meu amado esposo, que me fizeram ver além da minha capacidade intelectual, fazendo-me acreditar no potencial que existe dentro de mim, demonstrando sempre muito amor, atenção, solidariedade e companheirismo.

AGRADECIMENTOS

A caminhada que me trouxe até a conclusão desse sonho, foi repleta de grandes ações positivas e de motivações, fazendo-me acreditar que vale a pena sonhar e, acima de tudo, acreditar que é possível a realização daquilo que se sonha.

Muitos me ajudaram e participaram na realização dessa conquista de forma direta ou indireta, o que me leva a agradecer, indiscriminadamente, a todos que se envolveram e que me deram apoio e com os quais eu interagi durante todo o percurso. Acima de todos, reservo em especial o meu agradecimento a Deus, meu Pai Maior, que me capacitou e me trouxe a luz necessária durante toda a caminhada.

Foram inúmeras as pessoas às quais devo agradecimentos, pois muitas foram as ajudas. Especialmente, agradeço:

À minha mãe, Socorro (*in memorian*), que se dedicou à minha criação, acreditou em mim, dando-me o incentivo necessário enquanto estive ao meu lado;

Ao meu esposo, André, a quem tanto amo, pela ajuda com a formatação do texto, pelo incentivo e, sobretudo, pelo carinho, compreensão e paciência;

Aos meus filhos, João Marcos, Caio Victor e Pedro Lucas pela compreensão, quando precisei me ausentar nos momentos de escrita e de pesquisa;

À minha sogra, Socorro, pela compreensão e ajuda com o almoço que preparou tantos dias para mim e meus filhos, enquanto me dedicava aos estudos e à pesquisa;

À minha orientadora, Profa. Meire Virgínia Cabral Gondim, pelas orientações, por ser um grande exemplo a seguir e por não ter desistido de mim, dando-me forças quando precisei;

Aos professores do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, pelas proveitosas aulas;

À amiga Dávila, pelo incentivo e por ter me ouvido nos momentos em que queria desistir;

Às professoras pesquisadas, pela colaboração com a pesquisa, disponibilizando um espaço da sala para a realização do meu trabalho;

Às crianças das professoras pesquisadas, pela acolhida e carinho;

À UFC, pela oportunidade e realização do curso;

A todos que, no decorrer da minha vida, acreditaram em mim, contribuindo para o meu crescimento. Obrigada!

Educar é contar histórias. Contar histórias é transformar a vida na brincadeira mais séria da sociedade.

Augusto Cury

RESUMO

A contação de histórias é uma atividade importante no desenvolvimento cognitivo, linguístico e afetivo da criança. Por essa razão, objetivamos neste trabalho analisar os recursos e as estratégias utilizadas pelas professoras e o papel da contação de histórias na Educação Infantil. Para cumprirmos esses objetivos, elaboramos entrevistas semiestruturadas com três professoras do Infantil V e observamos, no decorrer de seis sessões de contação de histórias realizadas na escola, que foram gravadas em áudio e vídeo e posteriormente transcritas, os procedimentos didáticos pedagógicos empreendidos pelas professoras no processo das narrativas. A análise dos dados nos revelou que: i) a interação e a afetividade entre as professoras e as crianças são fundamentais, porque exercem um papel motivador no momento da contação, em especial, no que diz respeito ao interesse e à concentração das crianças pela narrativa; ii) as estratégias e os recursos empreendidos, tais como postura, suspense, perguntas sobre a história também se constituíram elementos importantes para o envolvimento das crianças e o êxito na contação; iii) a criatividade e a sensibilidade da professora também mostram-se essenciais para a atração dos pequenos, uma vez que as crianças demonstraram a capacidade de ser transportadas a um mundo imaginário. Dessa forma, acreditamos, com base nas observações, que a contação de histórias precisa ocupar um lugar de destaque na rotina das crianças da educação Infantil e para isso faz-se necessário uma formação pedagógica que reconheça a contação como uma atividade significativa, de modo que ela deixe de ser um passatempo e torne-se um instrumento de desenvolvimento e de sensibilização da consciência infantil, sendo um dos meios essenciais para que se tenha qualidade na atividade.

Palavras-chave: Infantil V. Literatura Infantil. Contação de histórias.

ABSTRACT

Story telling is a very important activity in the cognitive, linguistic and affective growth of a child. For that reason, the objective of this work is to analyze the resources and strategies utilized by teachers and the role of story telling in kindergarden. To achieve these goals, we elaborated interviews semi-structured with three teachers from kindergarden V and observed six sessions of story telling at the school, that were recorded in audio and video, and later transcribed the pedagogic procedures used by the teachers in the narrative process. The data analysis revealed that: i) The interaction and affection between teacher and child are fundamental, because they play a motivational role in the story telling moment, especially, in regards to the interest and the attention of the child for the narrative. ii) The strategies and resources undertaken such as posture, intonation, questions about the story also constituted important elements to the involvement and success of the story telling. iii) The Teacher's creativity and sensibility proved essential to attract the kids, since the children have shown the capacity to take themselves to a imaginary world. Thereby, we believe, based on observation, that story telling needs a bigger place in a kindergarden child routine, and for that it is necessary a pedagogic formation that recognizes story telling as a significative activity, so that it is no longer just a way to pass time and become a tool for development and sensibilization of the child's conscience, being one of the essential means to have quality in the activity.

Keywords: Kindergarden V. Child literature. Story telling

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Objetivo Geral	15
1.2	Objetivos Específicos	16
2	O UNIVERSO LITERÁRIO ENTRA EM CENA: OS CAMINHOS DA LITERATURA INFANTIL.....	17
2.1	História da literatura infantil.....	17
2.2	O que é literatura infantil.....	19
2.3	O papel da literatura infantil na infância	22
3	O ENCANTO DAS HISTÓRIAS.....	25
3.1	A contação de histórias direcionada às crianças	25
3.2	O reconto de histórias.....	28
3.3	A contação de histórias na prática pedagógica.....	30
3.4	Estratégias utilizadas para a contação de histórias	32
3.5	Recursos para a contação de histórias	35
4	ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	37
4.1	Pesquisa qualitativa	37
4.2	Contatos iniciais e lócus da pesquisa.....	37
4.3	Sujeitos pesquisados	39
4.4	Observação	40
4.4.1	Entrevistas	42
4.4.2	Diário de campo.....	43
5	ANÁLISE DOS DADOS.....	44
5.1	Reflexão sobre os procedimentos didáticos e estratégias utilizados pelas professoras na contação de histórias do Infantil V.....	44
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	57
	APÊNDICE A - CARTA ENVIADA A DIREÇÃO DAS INTITUIÇÕES OBSERVADAS NOS MUNICÍPIOS DE CAUCAIA E FORTALEZA	60
	APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM ENVIADA AOS PAIS DOS ALUNOS DAS PROFESSORAS OBSERVADAS NOS MUNICÍPIOS DE CAUCAIA E FORTALEZA	62

ANEXO A - CAPA DO LIVRO DA HISTÓRIA CONTADA PELA PROFESSORA 1 NO PRIMEIRO DIA DE OBSERVAÇÃO	63
ANEXO B - CONTAÇÃO DE HISTÓRIA DA PROFESSORA 1 NO PRIMEIRO DIA DE OBSERVAÇÃO	64
ANEXO C - TRABALHO DAS CRIANÇAS DURANTE A ATIVIDADE DE RECONTO DA PROFESSORA 1 -A	65
ANEXO D - TRABALHO DAS CRIANÇAS DURANTE A ATIVIDADE DE RECONTO DA PROFESSORA 1 -B	66
ANEXO E - TRABALHO DAS CRIANÇAS DURANTE A ATIVIDADE DE RECONTO DA PROFESSORA 1 - C	67
ANEXO F - CAPA DO LIVRO DA HISTÓRIA CONTADA NO SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO DA PROFESSORA 1	68
ANEXO G - REALIZAÇÃO DA CONTAÇÃO PELA PROFESSORA 1 NO SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO	69
ANEXO I - MOMENTO DO RECONTO DE HISTÓRIAS DA PROFESSORA 2 NO PRIMEIRO DIA DE OBSERVAÇÃO.....	71
ANEXO J - CAPA DO LIVRO DA HISTÓRIA CONTADA PELA PROFESSORA 2 NO SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO	72
ANEXO K - CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO DA PROFESSORA 2.....	73
ANEXO L - CAPA DO LIVRO DA HISTÓRIA CONTADA PELA PROFESSORA 3 NO PRIMEIRO DIA DE OBSERVAÇÃO	74
ANEXO M - ATIVIDADE REALIZADA PELA PROFESSORA 3	75
ANEXO N - MOMENTO DE RECONTO E CONVERSA INFORMAL DA PROFESSORA 3 NO SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO	76
ANEXO O - CAPA DO LIVRO DA HISTÓRIA CONTADA PELA PROFESSORA 3 NO SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO	77
ANEXO P- ATIVIDADE REALIZADA PELA PROFESSORA NO SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO	78
ANEXO Q - CRIANÇA PARTICIPANTE DA DRAMATIZAÇÃO DA SEGUNDA HISTÓRIA CONTADA PELA PROFESSORA 3 – COM PAPEL DO BRUXO	79
ANEXO R - INTERPRETAÇÃO DAS CRIANÇAS COM PAPEL DE BELA ADORMECIDA E O PRÍNCIPE NO SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO	80

ANEXO S – DECLARAÇÃO DE REVISOR.....	81
---	-----------

1 INTRODUÇÃO

A contação de história sempre fez parte da vida em sociedade. Esse ato é inerente à natureza humana, posto que: "Desde os tempos mais remotos, o homem descobriu que contar histórias, além de entreter, causava admiração e conquistava a aprovação dos que as ouviam. Dessa forma, pouco a pouco o contador de histórias tornou-se o centro da atenção popular pelo prazer que suas histórias produziam a todos (SANTOS *et al.*, 2009).

Segundo Zilberman (2003), a literatura sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais distante e diferente que seja a fantasia do escritor, haverá uma sintonia de comunicação com o seu destinatário, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções.

A leitura e a contação de histórias são prazerosas para as crianças, pois as levam a uma viagem ao mundo da imaginação e dos desejos irrealizáveis. De acordo com Teberosky e Colomer (2003), compartilhando a leitura de um livro com as crianças pré-escolares, não apenas se cria uma atividade prazerosa, mas também se organiza um importante momento de aprendizagem. Com a contação de histórias, as crianças aprendem que as palavras criam um mundo imaginário muito além do que vivemos aqui e agora.

Nessa perspectiva, "a contação de histórias é um valioso auxiliar da prática pedagógica e as narrativas estimulam a criatividade e a oralidade, facilitando a aprendizagem e colaborando na formação da personalidade" (NEDER *et al.*, 2009, p. 61)

Esse encantamento foi constatado a partir da convivência com as crianças do Infantil V de uma creche no município de Caucaia. Não causa admiração perceber o encanto que a contação de histórias provoca nas crianças e os benefícios que trazem para a construção do conhecimento, assim como para o desenvolvimento da oralidade e a construção de sentidos do texto oral.

Entre as diversas atividades rotineiras realizadas em sala juntamente com as crianças, observei que o momento da contação de histórias envolvia de forma natural e espontânea, atraindo unanimemente a atenção de todas. Essa realidade despertou em mim o desejo de escolher o tema no intuito de ampliar conhecimentos acerca da Contação de Histórias como prática pedagógica e do seu papel na Educação Infantil, especificamente no Infantil V.

A partir dos encontros realizados com minha orientadora, fiz a escolha desse tema para meu trabalho, e ela me ofereceu suporte necessário para o desenvolvimento da minha pesquisa, dando-me forças, subsídios e me encorajando sempre a seguir em frente.

De acordo com a Resolução nº 5, de 17 de Dezembro de 2009, presente nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – (DCNEI) (BRASIL, 2010, p. 25), as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo situações que “Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais, orais e escritos” (BRASIL, 2009, p. 25).

A leitura e a contação de narrativas, conforme Fontes (2001), caracterizam-se como uma atividade muito estimulante e prazerosa tanto para quem está contando como para o ouvinte, sendo importante para o desenvolvimento integral da criança. De modo que o momento da contação de histórias, assim como as demais atividades desenvolvidas em sala e com a participação das crianças, deve ser planejado, dando a oportunidade de a criança desenvolver além da sua oralidade, a imaginação, a interação com as outras crianças, o gosto pelo livro e também pela leitura.

Conforme o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil, “A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu” (BRASIL, 1998, p. 143).

Por meio da contação de histórias, as crianças aprendem a esperar mais tempo até a sua vez de interagir, podem reproduzir a história que escutam fazendo predições sobre a continuação da história, aprendem também a imitar o modelo do leitor. Escutando as histórias, as crianças aprendem a fugir da realidade, a escutar e memorizar histórias que não são reais, incorporando palavras e traços dos discursos escritos à sua vida cotidiana (TEBEROSKY; COLOMER, 2003).

Também as histórias são úteis na transmissão de valores por que dão razão de ser aos comportamentos humanos. Tratam de questões abstratas, difíceis de ser compreendidas pelas crianças quando isoladas de um contexto, pois a criança é incapaz de raciocinar no abstrato[...] a história traz a subjetividade ao entendimento das crianças, e com isso municias de experiências que aumentarão a sua vivência, aumentando suas possibilidades dentro do relacionamento (DOHME, 2010, p. 23-24).

De acordo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), é preciso garantir que as crianças tenham experiências variadas com as diversas linguagens, reconhecendo que o mundo no qual estão inseridas, por força da própria cultura, é amplamente marcado por imagens, sons, falas e escritas. Sendo importante lembrar que dentre os bens culturais estão inseridos o direito ao acesso à linguagem verbal, que inclui a linguagem oral e a escrita e instrumentos básicos de expressão de ideias, sentimentos e imaginação.

A aquisição da oralidade depende das possibilidades de as crianças observarem e participarem cotidianamente de situações comunicativas diversas podendo se comunicar, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus próprios pontos de vista (BRASIL, 2009).

Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998), a intenção de fazer com que as crianças desde cedo apreciem o momento de sentar para ouvir histórias, exige que o leitor tenha o interesse por contá-las, mobilizando a expectativa das crianças, fazendo com que o texto e suas ilustrações sejam apreciados. É importante para o leitor preocupar-se com a criação de um ambiente agradável para os ouvintes, para que se torne convidativo e estimulante a contação de história, a fim de proporcionar à criança expectativa e prazer.

Freitas (2002, p. 15) afirma que “a linguagem assumiu importância crucial, por se constituir num sistema simbólico que permite a comunicação por meio de símbolos ou signos arbitrários e convencionais, extrapolando os limites do imediato”.

De acordo com Freitas (2002), outro aspecto que justifica a relação entre literatura e linguagem refere-se à compreensão de que a literatura infantil aborda a linguagem em três dimensões: a oral (compreende a possibilidade de o texto ser oralizado, como no ato de contação de histórias); a imagética (relativa ao trabalho com ilustração assim como de criação de imagens mentais por parte do leitor, acerca do conteúdo abordado); e a escrita (circunscrita à produção textual).

Conforme o RCNEI (BRASIL, 1998, p.125), a construção da linguagem oral implica na verbalização e na negociação de sentidos estabelecidos entre pessoas que buscam se comunicar. Nesse processo, as crianças se apropriam gradativamente das características da linguagem oral, utilizando as vocalizações como tentativa para se comunicar.

Santos (2011) afirma que o reconto favorece o pensamento lógico, aprimora as formas de linguagem, enriquece o vocabulário, contribui para melhorar a pronúncia, a dicção e a entonação de voz, facilitando ainda a compreensão de uma sequência narrativa. Essas

aquisições são importantes para o cumprimento dos objetivos da Educação infantil, pois o conto, além de favorecer o desenvolvimento da oralidade, constitui-se uma prática lúdica.

Gondim (2004; p. 51) indaga que, “se a oralidade está presente em grande parte de nossas vidas, desde que nascemos, ou até mesmo antes de nascermos, por que a escrita, construção social e histórica bem mais recente que a fala, assume um *status* de superioridade social?”

A autora acrescenta que as diferenças descritas entre essas duas modalidades apontavam a um entendimento de que havia uma superioridade da escrita em relação à fala. Entretanto, nem todas as características pertencem exclusivamente à fala ou à escrita, porque os parâmetros de comparação entre as duas tiveram como suporte o ideal de escrita, baseado em uma gramática projetada exclusivamente para a escrita. Ao analisarmos as características da língua falada, observamos que ela é contemplada de uma maneira preconceituosa, chegando a ser comparada à linguagem rústica das sociedades primitivas ou à das crianças em processo de aquisição, ideias equivocadas acerca da natureza da linguagem (GONDIM, 2004, p. 52).

Segundo Amarilha (2012), é um equívoco julgar a oralidade de modo negativo. A oralidade da voz é energia mobilizadora e organizadora, de sociabilidade, de saberes, de emoções, de enraizamento coletivo. Ao contrário da escrita, que se disponibiliza a qualquer momento ao leitor, a língua em sua oralidade, não dura muito tempo e, por essa razão, ensina a seu falante e ouvinte a fluência do tempo. É papel do mediador, então, fazer o movimento de aproximação das modalidades da língua em seu contínuo oralidade-escrita-oralidade. Isso pode acontecer por meio da leitura oral de histórias que tanto agrada às crianças.

Em vista dessas considerações, reconhecemos a importância da Contação de Histórias no desenvolvimento da criança das séries iniciais, e, por essa razão, delineamos os seguintes objetivos:

1.1 Geral

- Analisar os recursos e as estratégias utilizadas pelas professoras e o papel da contação de histórias na Educação Infantil.

1.2 Específicos

- a) Investigar o papel que a Contação de Histórias ocupa na prática pedagógica segundo duas professoras do Infantil V.
- b) Compreender os procedimentos didático-pedagógicos empreendidos pelas professoras no Infantil V no processo de Contação de Histórias.
- c) Analisar o lugar que a Contação de Histórias ocupa na rotina da Educação Infantil, especificamente no Infantil V.

Em relação ao primeiro objetivo, Amarilha (2012, p. 29) incentiva a contação de histórias ressaltando que, através da voz que narra, a criança torna-se um ouvinte pensante e afirma que, quando colocamos a narrativa na escola através do contador/leitor de histórias, mudamos a história da escola. Mudamos a relação da criança com a cultura escolar. Segundo o pensamento de Coelho “A literatura e em especial a infantil tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola” (COELHO, 2000, p. 15).

Portanto, por meio do contato com o livro, a criança pode ser conduzida a experiências literárias nas quais a imaginação, a interpretação e a subjetividade sejam valorizadas e possam cativar gradativamente a formação do leitor.

Em vista dessas considerações, esta monografia foi organizada da seguinte maneira: neste capítulo introdutório, objetivamos discorrer por meio de referências teóricas a importância da contação de histórias no desenvolvimento da criança; no segundo capítulo, discutimos sobre a literatura infantil, sua trajetória ao longo da história e seu papel na infância; já no terceiro capítulo, desenvolvemos a temática: reconto de histórias direcionadas às crianças e os meios e estratégias utilizados na prática da contação; no capítulo seguinte, expomos a abordagem teórico-metodológica que norteou nosso estudo e as especificidades do processo de pesquisa; no quinto capítulo, analisamos as contações de histórias e os recontos observados ao longo da pesquisa e, por último, tecemos as considerações finais de nosso trabalho.

2 O UNIVERSO LITERÁRIO ENTRA EM CENA: OS CAMINHOS DA LITERATURA INFANTIL

Neste capítulo, discutiremos sobre a literatura infantil e sua trajetória ao longo da história e ainda abordaremos sobre a importância da sua presença dentro do contexto da Educação Infantil, e o papel que o universo literário desempenha na infância.

2.1 História da literatura infantil

Na tentativa de aprimorar o conhecimento sobre a literatura para o desenvolvimento do leitor, primeiramente, é necessário conhecer o surgimento da literatura infantil e qual foi a motivação para criá-la, como foram as primeiras narrativas e se a literatura ainda encontra espaço em um mundo informatizado, em uma era de imagem e de comunicação instantânea. Segundo o pensamento de Coelho, "a literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola" (COELHO, 2000, p. 15).

De acordo com a autora, a responsabilidade da consciência do mundo que uma criança venha a ter está no contato com os livros. Lá, ela encontra as grandes descobertas e os encantos ou mesmo os conflitos. Coelho destaca, ainda, que "Nesta era da imagem e da comunicação instantânea, a verdade é que a palavra literária escrita está mais viva do que nunca. E parece já fora de qualquer dúvida que nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a que a literatura permite" (COELHO, 2000, p. 16).

Segundo Zilberman (*apud* CUNHA, 1998), a literatura infantil surgiu na Europa, no final do século XVII e, durante o século XVIII, período em que a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber e adquirir uma educação especial que a preparasse para a vida adulta.

E como a criança era vista como um "adulto em miniatura", os primeiros textos infantis resultaram da adaptação (ou da minimização) de textos escritos para adultos. Expurgadas as dificuldades de linguagem, as digressões ou reflexões que estariam acima da compreensão infantil; retiradas as situações ou os conflitos não exemplares e realçando principalmente as ações ou peripécias de caráter aventureiro ou exemplar... as obras literárias eram *reduzidas* em seu valor intrínseco, mas atingiam o novo objetivo: atrair o pequeno leitor/ouvinte e levá-lo a participar das diferentes experiências que a vida pode proporcionar, no campo do real ou do maravilhoso (COELHO, 2000, p. 29).

No Brasil, o surgimento da literatura infantil seguiu o mesmo processo ocorrido na Europa. A literatura infantil brasileira nasceu nas últimas décadas do século XIX, segundo Lajolo e Zilberman (1998), no período em que a circulação dos livros infantis era irregular e bastante precária. Nesse sentido, a adaptação do modelo europeu chegava ao Brasil vindo por meio de Portugal, e as edições pioneiras portuguesas aos poucos passaram a ser traduzidas para a língua portuguesa.

Segundo Albergaria (1996, p. 23), a partir dos anos 70, começou a se falar de um *boom* na literatura infantil, devido à grande expansão desse segmento dentro da produção editorial do país. O autor afirma que o início dessa expansão remete-se ao Brasil do período militar e seu projeto desenvolvimentista.

Conforme Albergaria (1996) na política social da época, destacavam-se organismos como o Movimento Brasileiro para a Alfabetização (MOBRAL) e a Fundação Nacional do Material Escolar, as quais distribuía, gratuitamente, aos estudantes pobres, material didático, inclusive os livros. Pouco antes de 1968, foi criada a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), que se destinava à promoção da leitura (ALBERGARIA, 1996, p. 23-24).

Ainda de acordo com Albergaria (1996), além do crescimento qualitativo da circulação favorecida pela escola, a forma de fazer literatura infantil, no Brasil, também passou a ser diferente, bem como sua recepção. Embora ainda se veja a persistência de didatismo, nos textos, e de traduções moralizantes, os autores desse período da literatura, iniciado por volta de 1970, tinham outras preocupações no que dizia respeito ao livro infantil, bem diferente da literatura que se fazia até o momento, de modo que uma das maiores exceções parece ser Monteiro Lobato.

De acordo com Cunha (2006), Monteiro Lobato deu os primeiros passos na literatura infantil no Brasil, com obras marcantes e diversificadas em relação a gêneros e orientações. Na obra *O Sítio do Pica Pau Amarelo*, as personagens Dona Benta e Tia Anastácia são alteradas por uma dimensão afetiva que as torna mais próximas dos leitores. As duas personagens orientam Pedrinho e Narizinho, que deixa de ser a netinha órfã de pai e mãe e aparece como uma personagem ativa e positiva. Aparecem também personagens ficcionais, a boneca de pano Emília e a espiga de milho Visconde de Sabugosa. Pode-se afirmar que os livros da turma do Sítio ensinam a seus leitores a pensar, a questionar, a tirar conclusões (CUNHA, 2006, p. 24).

Segundo o autor, nos escritos de Monteiro Lobato, observam-se grandes questionamentos e inquietações intelectuais. O escritor preocupava-se com questões nacionais e também internacionais. Com isso, o autor de Narizinho abriu caminhos para grandes escritores e, a partir desse fato, aumentou, gradativamente, a literatura direcionada ao público infantil.

Conforme Albergaria (1996, p. 30) Lobato é o verdadeiro fundador de nossa literatura infantil criada a partir da personagem inicial, Narizinho, e de todos os seus companheiros do famoso *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. O autor afirma que, com ele, o livro para crianças separa-se do manual escolar, mesmo que tenha começado por aí, e busca uma literatura com uma linguagem coloquial, busca humor, ousadia.

A literatura infantil desde sua origem era utilizada como instrumento de transmissão de valores ou ideais, como também de padrões de pensamentos sobre os quais cada sociedade se fundamentou. Lajolo e Zilberman (*apud* ALBERGARIA, 1984, p. 153-154) veem um estágio de maturidade alcançado pela literatura infantil contemporânea. As autoras afirmam que essa maturidade foi alcançada pela documentação crítica da realidade brasileira, a absorção criativa de elementos da cultura de massa e um esforço de renovação poética e ainda salientam sobre a incorporação da oralidade na narrativa, bem como na poesia.

2.2 O que é literatura infantil

Ao se pensar em literatura infantil, inevitavelmente se reflete sobre a relação entre livros e crianças. De acordo com Coelho (2000) a literatura infantil é, antes de tudo, literatura, é arte, pois é também fenômeno de criatividade, que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra e que ainda funde sonhos e a vida prática, o imaginário e o real. Na literatura infantil, são discutidos valores humanos que se assemelham aos temas presentes na sociedade, representados por meio das ações dos personagens e pelas imagens presentes nos livros infantis. Segundo Gregorin Filho:

A existência desse relacionamento intertextual – o diálogo entre textos - cria a possibilidade de entender a literatura infantil como sendo aquela que contém em sua manifestação textual espaços, personagens e tempos constantes de outros textos, não somente no que se refere à pararealidade conseguida com a releitura do mundo, mas também à crença de que existe um universo literário infantil, tendo como sujeitos enunciadorees indivíduos apropriados de um “saber-fazer adulto” (2009, p. 19).

A literatura infantil tem como alvo as crianças, priorizando o público infantil como leitor principal desse gênero, embora a narrativa seja realizada pelos pais e professores

ou parentes, quando não há domínio da leitura oral, de modo que a criança passa a ter voz e espaço no mundo literário.

Os textos direcionados às crianças são variados podendo ser escolhidos e adequados de acordo com suas faixas etárias. Os livros direcionados às crianças mais novas costumam vir com poucas palavras e uma grande variedade de imagens, que incentivam os pequenos na visualização do texto. Sabemos que, para crianças mais velhas, os livros irão apresentar textos cada vez maiores e mais complexos, levando à criança a buscar suas próprias respostas, utilizando assim a construção de um pensamento mais complexo. Gregorin Filho (2009, p.29-30), afirma que:

Hoje, há uma produção literária/artística para as crianças que não nasce apenas da necessidade de se transformar em mero recurso pedagógico, mas cujas principais funções são o lúdico, o catártico e o libertador, além do cognitivo e do pragmático, que visa a preparar o indivíduo para a vida num mundo repleto de diversidade.

Uma das principais características da literatura infantil é, mediante o diálogo e a arte presentes nas narrativas, levar para as crianças um mundo no qual os conflitos do cotidiano sejam vistos com mais flexibilidade e naturalidade e que elas sejam capazes de conviver em harmonia com suas diferenças e costumes se adequando de forma favorável ao seu desenvolvimento, ao ambiente social ao qual pertence.

É possível afirmar que literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, é capaz de expressar uma determinada experiência do homem, e que dificilmente poderá ser definida com exatidão, segundo Coelho (2000). Ainda no que diz respeito às características, é possível reconhecê-las nos diferentes gêneros que formam a literatura infantil. É fácil perceber a preocupação de alguns autores observando alguns pontos incomuns no diferencial que compõem as obras infantis. A partir de diversas obras e leituras, chegamos a algumas características inerentes à literatura infantil:

- Narrativas relativamente curtas.
- Linguagem simples predominante.
- Presença de estímulos visuais como cores, imagens, fotos.
- Ausência de temas não apropriados para crianças que incluam guerras e crimes.
- Valorização do caráter, ensinando regras de comportamentos.
- Preferência pelos diálogos.
- Ênfase nos protagonistas infantis.
- Narrativas quase todas com finais felizes.

A existência de grande parte destes itens marca a verdadeira literatura infantil, embora se tenha um espaço reservado ao sonho e à imaginação, que é uma das características mais fortes das histórias direcionadas para a infância. Podemos afirmar que a literatura infantil é produzida para crianças, mas escrita por adultos que, no momento da sua produção, libertam a criança que existe dentro de cada um e que desperta o interesse de grandes autores.

Não se pode ignorar que os livros infantis também entraram no esquema do consumo que gera modismos, lugares comuns e dependências. Como afirma Yunes e Pondé (1988, p. 11), "apesar do crescimento de vendas do livro, nada indica que a capacidade crítica e a conscientização do leitor venham crescendo". As autoras relatam que, para que isso ocorra, as obras infanto-juvenis são a melhor sugestão, pelo fato de abordarem questões de nosso tempo e problemas universais, inerentes aos seres humanos.

Segundo Yunes e Pondé (1988), assistimos a uma retomada da leitura, que não ocorreu por milagre. É também resultado de um trabalho constante, ao longo de algumas décadas, em torno da importância da prática da leitura. Vivemos em uma sociedade em que a leitura ocupa um papel decisivo no mercado de trabalho. A arte, assim como a cultura institucionalizada, fica restrita a uma elite, e o artesanato e as manifestações populares não costumam ganhar o *status* de cultura (YUNES; PONDÉ, 1988, p. 24-33). Para Coelho (2000, p. 29), "No encontro com a literatura (ou com a arte em geral), os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade".

Desse modo, com base no que a autora descreve, de acordo com Yunes e Pondé (1988, p. 37), a literatura passa a assumir um papel político muito mais amplo, deixando de ser apenas um sinal de erudição, mas passa a contribuir para a formação do pensamento crítico e atuar como instrumento de reflexão e questionamentos na tomada de decisões.

Além dos atributos, como vimos anteriormente, a literatura infantil abrange inúmeros gêneros literários, podendo apresentar-se sob a forma de diversas modalidades e uma das consideradas relevantes para a manifestação da literatura é sem dúvida a prática oral. De fato, a maior parte das histórias chega às crianças por meio da voz de inúmeros contadores e, além disso, as histórias hoje escritas foram captadas de outras histórias contadas oralmente ao longo dos anos, passando de geração para geração.

Os gêneros literários que compõem a literatura infantil incluem diversos gêneros de textos, como: os contos tradicionais, os contos de fadas, as fábulas e ainda é composto por lendas, adivinhas, provérbios, anedotas e outras formas de comunicação presentes,

desempenhando um papel de socialização e comunicação das crianças. Partindo desse pressuposto, Gregorin Filho (2009, p. 44), afirma que:

Quando se fala de literatura, os termos leitor e leitura aparecem relacionados de maneira bastante estreita. Deve-se entender a leitura num sentido mais amplo, como a instância de recepção de diversos tipos de textos. Pode-se ler um texto escrito, um texto visual, um teatro, as pessoas que nos rodeiam e o mundo (2009, p. 44).

A literatura infantil compreende um processo de comunicação entre o adulto e a criança através da narrativa, seja ela oral ou escrita, no intuito de relacionar experiências, diálogos, conflitos e valores, destinados à leitura do mundo por meio da construção de leitores. Explicitamos ao longo dessa seção a natureza da Literatura Infantil e, na seção seguinte iremos discorrer sobre o papel que ela ocupa na infância.

2.3 O papel da literatura infantil na infância

A literatura infantil ocupa um papel relevante no desenvolvimento cognitivo, linguístico, sociocultural e imaginativo da criança, esse fato não podemos negar. Todavia, de acordo com Yunes e Pondé (1988, p. 25-28), a grande maioria da população continua afastada dos livros, seja pelas dificuldades econômicas enfrentadas pelas classes de baixa renda, seja pelo analfabetismo que ainda apresenta índices elevados, ou ainda pelo difícil acesso ao material impresso, faltando bibliotecas públicas ativas. As autoras abordam que o desafio do momento é criar textos que possam "dialogar" com o leitor comum que, por meio da educação, o público consiga identificar-se com os personagens, conflitos e ambientes apresentados na história para, em seguida, problematizar suas questões.

A literatura infantil, como já sabemos, surgiu no final do século XVII. Tal literatura estava aliada à transmissão de valores e à educação e fora escrita por professores e pedagogos. Segundo Coelho (2000) a literatura infantil teve sua origem no meio popular: todas as obras que haviam sido transformadas em 'clássicos' da literatura infantil nasceram do meio popular (ou em meio culto depois se popularizaram em adaptações), portanto antes de se perpetuarem como literatura infantil foram literatura popular. Isso por conta da aproximação do pensamento da criança em relação ao homem primitivo. A autora ressalta que:

No povo (ou no homem primitivo) e na criança, o conhecimento da realidade se dá através do sensível, do emotivo, da intuição [...] e não através da realidade ou da inteligência intelectual, como acontece com a mente adulta. Em ambos predomina o pensamento mágico, com sua lógica própria. Daí que o popular e o infantil se sintam atraídos pelas mesmas realidades (COELHO, 2000, p. 41).

Para falarmos da literatura infantil na infância e suas contribuições na formação da criança, precisamos entender e compreender melhor como a literatura infantil se desenvolve. A questão da criança dentro da sociedade brasileira sempre foi vista como um caso delicado, em virtude de suas contribuições para o avanço da massa produtiva do país, assim como o idoso. De acordo com Priore (2004, p. 19), o destino delas atualmente é variado e incerto. Algumas trabalham, outras são amadas, outras roubam, outras cheiram cola, outras estudam e outras são usadas, como bem sabemos. Enganam-se os que acreditam que houve diferença desses fatos no passado, pois os problemas com a infância sempre existiram, embora de formas diferentes, de acordo com o desenvolvimento cultural e político de cada época ou tempo vivido.

Podemos observar que a educação, no século XVIII, seguia uma severidade regida pelos padres jesuítas, que usavam como meio para educar a palmatória e outros castigos físicos severos. O espaço de lazer e diversão, embora pequeno, existia nas formas de brincadeira como: banho de rio, virada de bunda canastra, cantos, mímicas, pipas e brinquedos confeccionados com barro ou madeira, que serviam para o momento lúdico. A grande preocupação dos pais e educadores da época era a formação das crianças, para que se tornassem adultos responsáveis.

Conforme Yunes e Pondé (1988), a literatura infantil pode contribuir para alterar e valorizar o processo educativo, além de promover a comunicação através da arte, podendo oferecer à criança elementos para a compreensão do real hoje. Por meio das narrativas, as relações são observadas de fora pelo leitor e comparadas à sua própria experiência; como uma espécie de acesso ao real, o simbólico ordena e nomeia experiências, através da linguagem que organiza o mundo.

As mudanças ocorridas na literatura infantil, desde a metade do século XIX, após Monteiro Lobato, até os dias atuais, vêm trazendo uma grande diversidade de valores, além de oferecer à criança uma maior oportunidade e flexibilidade de explorar o mundo real, despertando nos pequenos leitores um olhar mais liberal. Sobre essas mudanças, Gregorin Filho (2009) afirma que elas trouxeram para a literatura infantil as vozes de diferentes contextos sociais e culturais, presentes hoje na formação do povo e trouxeram ainda as vozes e os sentimentos das crianças para as páginas dos livros, para as ilustrações, assim como para as diferentes linguagens presentes na literatura direcionada às crianças.

As crianças hoje, assim como antigamente, continuam entrando em contato com assuntos e temas voltados para os adultos, assim como antes do surgimento da pedagogia e da criação do universo infantil, quando a criança era vista apenas como um adulto em miniatura,

só que a diferença é que hoje houve uma ampliação acerca dos conhecimentos sobre as etapas do desenvolvimento da criança e o que ela é capaz de absorver e entender em cada uma dessas etapas. Com base nisso, a literatura infantil vem inovando na criação de textos que motivem e garantam o desenvolvimento da imaginação das crianças, procurando aplicar novas tecnologias às produções voltadas para o universo infantil. Muitas editoras publicam livros literários com indicação de nível vinculado à idade dos pequenos.

Dentro do universo infantil, a literatura na infância é capaz de promover à criança uma contribuição na resolução de questões pessoais e escolares, pois, por meio do afeto envolvido na leitura de uma história, a professora pode oportunizar momentos que estimulem os pequenos a enfrentarem seus medos e ansiedades, fortalecendo dessa forma seus vínculos. Gregorin Filho (2009) afirma que, ao trabalhar com literatura infantil com as crianças, estamos criando condições para que se formem novos leitores de arte e de mundo. Segundo o autor, a literatura infantil é muito mais do que uma simples atividade inserida em propostas de conteúdos curriculares, ela é capaz de ampliar a competência de as crianças verem o mundo e dialogarem com a sociedade.

Silva (2008, p. 27) afirma sobre a ideia de Lobato a esse respeito: “Monteiro Lobato tinha a convicção de que a Literatura Infantil deveria reunir divertimento e informação, pois acreditava que, para a criança, aprender também dá prazer”.

Portanto, assim como nas obras de Lobato, a literatura infantil precisa estimular na criança a dupla percepção da realidade, tanto racional como intuitiva, despertando livremente o jogo do real e do imaginário. Por meio da literatura, a reflexão e o senso crítico são despertados no leitor, tornando-o cidadão de fato, sendo capaz de mostrar sua coragem e seu próprio ponto de vista.

As histórias infantis, segundo Zilberman (2003), desempenham uma forma de comunicação sistemática que ocorre entre as relações da realidade, de modo que a literatura infantil exerce a função de conhecimento e ampliando a formação do imaginário, que leva à aquisição do saber.

3 O ENCANTO DAS HISTÓRIAS

Este capítulo objetiva discorrer sobre: a contação de histórias; a importância dos recontos de histórias; as implicações que essas duas atividades assumem na prática pedagógica e, por fim, os recursos e as estratégias utilizados pelas professoras da Educação Infantil, com a finalidade de criar um ambiente direcionado à ludicidade, que facilite a interação e o envolvimento das crianças com a contação de histórias.

3.1 A contação de histórias direcionada às crianças

A contação de história nas salas de Educação Infantil, segundo Soares (2003), tem como objetivo desenvolver o imaginário da criança, o prazer em ouvir e contar histórias. Além de despertar para a oralidade, ajuda também na aquisição e no desenvolvimento da fala e é uma maneira de aprender com as crianças, enquanto elas tentam aprender com os adultos, resgatando a cultura de seus antepassados, vivendo e vivenciando na sociedade (mundo) atual.

A contação de histórias, de acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 143), é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. O processo de interação com as histórias começa quando a criança, mesmo sem conhecer o código escrito, cria significados a partir de um referencial que será sua própria experiência de vida.

A contação de histórias é fundamental para a aquisição do conhecimento. Sendo de grande importância a aplicação de atividades que despertem o prazer pela leitura, como rodas literárias, varal de histórias, livro gigante, histórias sequenciadas, teatro de sombras, livros de poesia, uso de fábulas, contos e outros instrumentos que possibilitem à criança o desenvolvimento emocional e a capacidade de expressar com autonomia suas ideias, abrindo assim caminhos para novas reflexões e para a busca por oportunidades de leitura.

No envolvimento com as histórias, a literatura infantil disponibiliza elementos dos quais a criança necessita para apropriar-se de novas possibilidades de compreensão do mundo real. Por meio das histórias, o envolvimento e a identificação com algum personagem permitem a transposição, de modo que assumindo o papel elucidado na história, a criança traz para o seu cotidiano o conflito existente entre o mundo real e o imaginário. Além disso, a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e

escrita, amplia seu vocabulário e principalmente aprende a procurar, nos livros, novas histórias para o seu entretenimento, como afirmam Barcelos e Neves (1995, p. 18).

De acordo com Morin (2001, p. 11), a missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre. Nesse sentido, é de grande importância a leitura rotineira e a assiduidade no trabalho de contação aos pequenos, oferecendo-lhes assim um caminho de descobertas e apropriação da oralidade.

Kuhlthau (*apud* BARBOSA; SANTOS, 2009, p. 26) pondera os benefícios que a contação de histórias oferece ao leitor quando afirma que, antes que possam ler sozinhas, as crianças devem escutar histórias, a fim de desenvolver o interesse pelos livros e conscientizar-se da variedade de livros disponíveis. Quando estão aprendendo a ler, a escuta de histórias funciona como uma influência modelizadora para a leitura. Essa atividade possibilita a experiência com o fluxo das palavras para formar os significados. As crianças vivenciam o prazer e os sentimentos criados pela leitura (KUHALTHAU, 2002, p. 50 *apud* BARBOSA; SANTOS, 2009, p. 26).

Durante toda e qualquer prática de ensino, ao propor uma atividade direcionada às crianças, é importante que nos certifiquemos dos interesses e desejos expressos por elas, para que haja de fato uma aprendizagem satisfatória e que os objetivos venham a ser alcançados. Do mesmo modo, ocorre ao contarmos uma história, pois para que aconteça aprendizagem, a valorização pelos interesses das crianças e suas preferências são fundamentais.

Algumas histórias são relacionadas de acordo com a faixa etária das crianças, não se esquecendo das suas experiências de vida, como afirma Silva (1998, p. 15):

Pré-escolares até três anos: fase pré-mágica - histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados) - histórias de crianças: de três a seis anos: fase mágica - histórias de repetição e acumulativa (Dona Baratinha, A formiguinha e a neve etc.) - histórias de fadas. Escolares sete anos - histórias de crianças, animais e encantamento, aventuras no ambiente próximo: família, comunidade, histórias de fadas: oito anos - histórias de fadas com enredo mais elaborado, histórias humorísticas; nove anos - histórias de fadas, histórias vinculadas à realidade; dez anos - aventuras, narrativas de viagens, explorações, invenções, fábulas, mitos e lendas.

As sugestões são flexíveis, e a professora pode respeitá-las como preferências dos leitores, mas não significa que ela se limite aos gêneros literários citados anteriormente, podendo a docente dentro da sua prática de contação, expor para as crianças variados gêneros de modo que elas venham por meio da pré-leitura descobrir a diversidade de gêneros que formam o mundo da literatura infantil.

Conforme Dohme (2010, p. 19), no momento em que trabalhamos com algo que a criança realmente gosta, que sente que foi preparado com carinho para ela, as chances de se ter uma postura atenta e participativa aumentam muito. Assim a criança não irá gritar ou fazer uma algazarra se tiver algo muito mais interessante para fazer: ouvir uma história. Os professores necessitam de habilidades para contar uma história, e dentre essas habilidades podemos destacar a voz, que precisa ter um tom claro e transmitir a realidade aos fatos narrados. Sisto (2005, p. 107) entende que: "O contador de histórias tem um poderoso instrumento para contar histórias: sua própria voz. Mas precisa estar atento, acostumar-se a ouvir-se, a apreciar os timbres e nuances da sua e das vozes que o cercam".

Os recursos e materiais possíveis a serem utilizados pelos professores no momento da contação são inúmeros e variados, podendo ele usar sua criatividade e imaginação de acordo com a história a ser contada e o público alvo a quem ele quer atingir. Só dessa forma saberemos escolher, dentro de um repertório conhecido pelas crianças, qual história se adapta ao que desejamos abordar, como afirma Silva (1998, p. 31): "Estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la".

A leitura de livros para as crianças cria a possibilidade de conduzi-las ao hábito da leitura, devido ao prazer e encantamento transmitidos através da história. Sandroni e Machado (1986, p.25) afirmam que "as crianças, além de devotarem uma enorme atenção à história (e o professor sabe o quanto isso significa em termos de audição reflexiva, estímulo à imaginação e organização do pensamento!), sentem-se estimuladas a ler os livros por si mesmos ou buscar outros sobre o mesmo assunto".

Desde os povos ancestrais, o ato de narrar história está presente. Tais povos contavam e encenavam histórias para propagar seus rituais, mitos, conhecimentos acerca do mundo sobrenatural ou não, e também, para expor as experiências adquiridas pelos grupos ao longo dos tempos. Além da comunicação oral e gestual, suas histórias também eram narradas através de registros nas paredes das cavernas, com desenhos e pinturas. Esses registros abordavam suas experiências. Nesse período, a memória auditiva e visual era importante para a compreensão e transmissão de conhecimentos.

Durante muito tempo, a transmissão oral era utilizada pelas comunidades que não possuíam a escrita e servia de instrumento para repassar, às gerações mais novas, seus valores e crenças. Para a população ágrafa, esses saberes eram imprescindíveis para a sobrevivência individual e grupal. Os contadores eram figuras de destaque nas comunidades por saberem dar conselhos, fundamentados em fatos, histórias e mitos, mantendo viva a herança cultural pela memória do grupo.

O conto da literatura oral é uma das mais genuínas expressões culturais da humanidade, sem que com isso possamos lhe atribuir paternidade. Saber da sua provável origem mostra-se apenas uma curiosidade, porque o conto se molda ao contexto onde ele é narrado e, como um camaleão, vai se adaptando às cores e aos tons de cada povo, de cada contador que o narrou. Cada voz imprimiu a sua sonoridade, cada corpo as suas emoções. Ele mudou de nome e de roupa, mas a sua essência continuou inalterada. O conto de tradição oral é um retrato da magia e do encantamento, uma fantástica criação da mente humana (BUSATTO, 2011, p. 28).

Esse pensamento de Busatto destaca o conto da literatura oral como apoio no contexto pedagógico, servindo a muitos propósitos, a começar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano. A autora destaca que, através do conto, podemos valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos, e introduzir conceitos éticos. Busatto afirma que "o conto pode ser o estímulo que dará origem a estas e muitas outras reflexões. Serve também como elemento integrador de um trabalho em sala de aula, onde as diferentes áreas de conhecimento podem ser abordadas e pesquisadas" (BUSATTO, 2011, p. 37).

Considerar esses fatores nos leva a obter as respostas para o motivo de por que contar histórias. Busatto (2011, p. 45) afirma que contar histórias é uma atitude multidimensional. Ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível do pensamento, e, sobretudo, as dimensões do místico-simbólico e do mistério. A autora declara que "conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para nossa existência e reativar o sagrado" (BUSATTO, 2011, p. 46).

Nessa seção, vimos a importância da contação de histórias, uma ação milenar que faz parte da história da humanidade, agora passaremos a compreender o papel dos recontos de histórias no âmbito educacional.

3.2 O reconto de histórias

O reconto é uma ferramenta de grande importância na construção da linguagem. Entendemos como reconto de histórias uma modalidade de produção textual que pode ser oral, gráfica ou escrita, na qual o sujeito (re)constrói o sentido de uma história recém-narrada, retomando o seu conteúdo e o modo de organização das informações, fazendo uso de funções cognitivas em condições de mediação (FREITAS, 2002, p. 13).

As crianças gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo simples prazer de apreendê-la e reconhecer seus detalhes. Segundo os RCNEI (BRASIL, 1998, p. 143), isso evidencia que a criança que escuta muitas histórias pode construir um saber sobre a linguagem escrita. Sabe que na escrita as coisas permanecem, que se pode voltar a elas e encontrá-las tal qual estavam da primeira vez. No reconto de histórias, as crianças podem contar histórias conhecidas à sua maneira, utilizando por muitas vezes algumas expressões e palavras ouvidas na voz do professor, compreendendo assim as relações entre o que se fala, o que se escreve e o que se vê, a imagem. Nesse sentido, “O adulto pode provocar a participação da criança, solicitando um complemento para o texto e pode com frequência estimular a criança a lembrar e repetir a história” (TEBEROSKY; COLOMER, 2003).

Por meio da leitura compartilhada e do reconto, as crianças aprendem a esperar mais tempo até ter sua vez de interagir e poder reproduzir a história que escutam elaborando conceitos sobre a continuação da história e adquirindo conceitos sobre o que está impresso. Teberosky e Colomer (2003, p. 36) chamam a atenção para o fato de que, ao escutar histórias, as crianças aprendem que a linguagem escrita pode ser reproduzida, repetida, citada e comentada. Dessa forma, é de grande importância que o professor assuma o papel de leitor, buscando por meio da sua narrativa a atenção e o interesse das crianças no momento de leitura, pois, segundo o RCNEI:

A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida (BRASIL, 1998, p. 143).

Ainda segundo o RCNEI, os objetivos estabelecidos a serem aprofundados com as crianças por meio do trabalho com a leitura são:

- Ampliar gradativamente suas possibilidades de comunicação e expressão, interessando-se por conhecer vários gêneros orais e escritos e participando de diversas situações de intercâmbio social nas quais possa contar suas vivências, ouvir as de outras pessoas, elaborar e responder perguntas;
- Familiarizar-se com a escrita por meio do manuseio de livros, revistas e outros portadores de texto e da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário;
- Escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor;
- Escolher os livros para ler e apreciar (BRASIL, 1998, p. 131).

Todas essas ações propagadas pelos RCNEI podem ser ampliadas com a prática do reconto de histórias pelas crianças de modo que se sintam sujeitos ativos do processo de construções dos vários sentidos que uma história pode proporcionar.

Sisto (1994) argumenta que uma das consequências da contação de histórias é despertar no outro o desejo por recontar, na medida em que “Quem conta conta duas, conta três e brinca coma alternância, e preocupa-se com o equilíbrio. E cria a condição favorável para que outros artistas convidados possam também contar, durante sessão histórias do seu jeito, de preferência usando outras linguagens” (SISTO, 1994, p. 152).

No RCNEI (BRASIL, 1998), o reconto é descrito como conteúdo relativo à linguagem. No trecho em que aparece o termo reconto (BRASIL, 1998, p. 137), está escrito: "Reconto de histórias conhecidas com aproximação às características da história original no que se refere à descrição de personagens, cenários e objetos, com ou sem a ajuda do professor".

Nessa linha de pensamento, Freitas (2002, p. 45) afirma ainda que o recontar não se constitui expressão sinônima de relatar, uma vez que o reconto tem como texto-modelo narrativas de gênero conto de fada, nas quais o real e o ficcional se misturam, revelando desejos, sonhos e fantasias vivenciados pelos personagens, em lugares encantados, em tempo indeterminados, expressos por senhas mágicas do tipo “Era uma vez [...]”.

3.3 A contação de histórias na prática pedagógica

As histórias são excelentes ferramentas de trabalho e bastantes úteis para trabalhar diferentes aspectos do desenvolvimento da criança. De acordo com Amarilha (2012, p. 17), segundo os professores, a narrativa é usada para acalmar as crianças quando estão muito inquietas e também para impor silêncio e disciplina ao caos que, às vezes, ocorre na sala de aula. Nesse ponto de vista, a autora constatou então que o conceito de atividade “sem significado”, que é atribuído à literatura, não corresponde à verdade. Ela é vista como utilitária, instrumento de controle sobre a criança. Por outro lado, segundo Amarilha (2012, p. 18), a história lida ou contada desempenha uma função catalisadora de interesse e de prazer para as crianças.

Ainda em relação à contação de histórias no contexto pedagógico, as histórias atuam como ferramentas importantes para a formação do senso crítico, porque, por meio delas, as crianças tomam conhecimento de situações ausentes na sua realidade. A contação de histórias está inserida no contexto de mobilização e incentivo à leitura, utilizando-se de recursos disponíveis para o ato de criar e tornar o ouvinte um leitor autônomo.

Além disso, as contações são práticas quanto à transmissão de valores, porque dão razão de ser aos comportamentos humanos, relatando bem as questões abstratas, difíceis de

serem compreendidas pelas crianças quando isoladas de um contexto. É necessário lembrar-se da importância de o contador estar intimamente ligado ao ouvinte, pela troca de saberes, ou seja, o contador apresenta o que sabe, ao passo que o ouvinte mostra o que conhece de histórias que já ouviu e de momentos que já vivenciou, transformando assim essa afinidade num processo enriquecedor da sua formação. Bettelheim (2011, p. 49) relata que: "só a criança pode determinar e revelar pela força com que reage emocionalmente àquilo que um conto evoca na sua mente consciente".

Amarilha (2012) destaca em sua pesquisa que a literatura chega à criança, principalmente pela oralidade, sendo a contação de histórias a maior responsável por essa contribuição, por envolver as crianças em grandes experiências imaginárias. A história, quando contada, proporciona na criança um envolvimento emocional. Elas passam a identificar-se com os personagens, projetando-se para dentro da narrativa. A autora afirma que a narrativa tem uma estrutura que estabelece relação com as experiências do receptor, e ela tenta corresponder a um mínimo dessa ansiedade, isto é, ela deve dizer alguma coisa para o receptor.

Ao narrar oralmente, o professor está fornecendo à criança a possibilidade de ampliar sua capacidade de antecipação sobre estratégias da linguagem literária e da construção do sentido. A autora ressalta que é relevante lembrar que a oralização tem a finalidade de enriquecer a bagagem antecipatória do leitor, buscando familiarizá-lo com as estratégias da narrativa (AMARILHA, 2012, p. 21-22). Já de acordo com Silva: "Se, ao contrário, o mundo da ficção lida for totalmente diferente da experiência do leitor, este terá o prazer da descoberta. Sempre, porém, haverá, no momento da leitura, o cruzamento de dois mundos. Por isso, a leitura de um mesmo livro nunca será igual para dois leitores" (2009, p. 34).

Ao professor cabe o desencadear das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objetivo artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado (ZILBERMAN, 2003, p. 28).

O professor deve procurar democratizar o acesso ao saber, despir-se de atitudes autoritárias e levar o leitor/ouvinte a uma compreensão plena do texto lido pela adequação de tema e linguagem, como afirma Silva (2008). De acordo com Teberosky e Colomer (2003), as crianças aprendem com a participação na prática de leitura realizada pelos adultos. A contribuição que o adulto oferece para o desenvolvimento do conhecimento pode ser de forma direta, mediante a leitura de histórias.

Aproveitar o texto para criar um clima de envolvimento e de encantamento, na opinião de Abramovich (1997) exige que o professor:

Saiba dar pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na casa do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais (ABRAMOVICH, 1997, p. 21).

Esse envolvimento de que fala a autora é perceptível nas ações e olhares das crianças, no silêncio que se instala em momentos de tensões da narrativa, ou nos sentimentos transmitidos por elas verbalmente, de alegria, tristeza ou até mesmo de raiva. É o momento no qual a sua imaginação é despertada, dando lugar à fantasia e ao imaginário, um total envolvimento com o mundo do faz de contas e da ludicidade.

3.4 Estratégias utilizadas para a contação de histórias

Segundo Dohme (2010, p. 25), é preciso muito esforço e dedicação para estudar o mundo a que pertencem nossas crianças. O excesso de apelos a que a criança está sujeita nos dias de hoje faz com que diversas outras fantasias despontem no seu cenário. A autora afirma que temos de pesquisar, ler literatura especializada, feita para elas, conhecer seus heróis, conhecer suas brincadeiras e preferências. É só dessa forma que saberemos escolher, dentro de um repertório conhecido, qual história se adapta àquele comportamento que desejamos abordar.

Dessa forma, uma vez escolhida a história escrita em um livro, é necessário estudá-la para ter elementos para preparar a narração, fazer adaptações, escolher se serão utilizados recursos auxiliares e, sendo este o caso, qual a melhor técnica. A autora ressalta que, para estudar uma história, é preciso, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e, em seguida, após algumas leituras, identificar os seus elementos essenciais e ter bem claro os objetivos educacionais que cada história atinge. Isso facilita o planejamento do educador, que dosará as diversas histórias ao longo do período que tem disponível, tendo em vista um desenvolvimento em todos os sentidos, de forma globalizada (DOHME, 2010, p. 26-28).

Segundo Silva (2009), o contador de histórias sabe que seu papel é levar o ouvinte a tornar-se leitor, proporcionando-lhe, além de um entretenimento na hora da contação, o conhecimento de informações sobre o livro onde a história se encontra. Silva (2009, p. 35) relata ainda que “o contador é, antes de tudo, um leitor privilegiado, que cumpre um papel

ativo, faz leituras prévias, seleciona textos, informa-se sobre o autor, observa a ilustração do livro, memoriza o texto, interpreta suas intenções para transformá-las em modulações de voz e gestos”. Nesse aspecto, Gregorin Filho (2009, p.50-51) destaca que:

É importante, portanto, que o livro a ser oferecido à criança seja adequado à sua maturidade como leitor, pois um livro com letras miúdas ou com uma extensão maior do que a sua competência de leitor pode entender constitui fator do afastamento da atividade leitura ou da sua rejeição a essa atividade.

De acordo com Dohme (2010, p. 37-38), narrar uma história recorrendo apenas à memória e aos recursos dramáticos da voz é, sem dúvida, o que mais desafia o educador. Por outro lado, é o que mais fascina tanto o narrador como a plateia. A autora afirma que contar histórias é uma arte, que poderá ser nata de muitas pessoas. Porém há certos cuidados e dicas que resultarão em uma boa narrativa, que são:

- Fazer a escolha cuidadosa da “sua” história. Procurar aquela que se identifica com seus valores pessoais, incita a sua imaginação e que lhe dá prazer em trabalhar.
- Estudar a história, lendo-a atentamente para saber de toda a trama, tendo com clareza na mente o ambiente e o esquema geral.
- Identificar os quatro elementos: introdução, enredo, ponto culminante e desfecho.
- Certificar-se de que conhece, ou procura conhecer, elementos suficientes sobre as situações ou os fatos que compõem a história.
- Decorar os aspectos principais de cada uma das partes da história.
- Contar a história para si mesmo, em voz alta.
- Exercitar a narração procurando utilizar palavras simples, do conhecimento da criança.
- Rerler a história no dia em que for contá-la.
- Se ela fizer parte de um conjunto de atividades, deverá entrar na programação sempre após um jogo agitado.
- Acomodar bem a audiência e dar pequenas dicas sobre o enredo a fim de que as manifestações ocorram.
- Pedir silêncio e dar uma introdução sobre o que se dirá.
- Entregar-se a história, sendo fiel ao que foi ensaiado.

Para que haja um interesse por parte das crianças e aconteça de fato um envolvimento com a história e haja atração pela narrativa, considerando a idade de cada

criança, é necessário serem levados em conta critérios na escolha do livro, como a ilustração, o tamanho da história e da letra, a temática, a linguagem compreensível e adequada à faixa etária e o nível intelectual que a criança se encontra. Como afirma Abramovich (1997, p. 18): “Daí que, quando se vai ler uma história – seja qual for – para crianças, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante”.

É de grande importância que haja um compromisso com a narrativa. Segundo Silva (1998), a contação de histórias é fonte de prazer para as crianças, contribuindo para o seu desenvolvimento, portanto, a narrativa deve ser preparada, sendo fundamental a elaboração de um plano, um roteiro de organização por parte do narrador. Outras aptidões também precisam ser ressaltadas no momento de contar histórias, como: ter capacidade de incorporar os personagens, conhecer de fato o que está contando, gostar e ter respeito pelas crianças, narrar a história com um propósito e não por mera obrigação e que principalmente o contador seja um leitor assíduo para, a partir de todos esses elementos, saber e ser capaz de despertar e de estimular a imaginação dos pequenos (BARBOSA; SANTOS, 2009).

Segundo Oliveira (2009, p. 13), é importante uma pré-leitura, por meio da qual se possa levar o aluno a se interessar pelo tema da leitura, através de canções, expressão corporal, dança, observação, contato com a realidade, bem como criar a hora da novidade: embrulhar um objeto e fazer com que as crianças o toquem, apalpem e cheirem, para a partir daí, o docente, então, começar a contar história.

Narrar uma história apenas com o uso da voz e expressões corporais, também, é uma forma fascinante e que cativa os pequenos. Silva (1998) afirma que é a maneira ideal para contar uma história e a que mais contribui para estimular a criatividade, pois a criança buscará, em suas vivências e no imaginário, a história que está sendo contada.

Neste aspecto, Busatto (2011, p.47) acrescenta que: “Se quisermos que a narrativa atinja toda a sua potencialidade devemos, sim, narrar com o coração, o que implica em estar internamente disponível para isso, doando o que temos de mais genuíno, e entregando-se a esta tarefa com prazer e boa vontade”.

Contudo, o mais interessante em contar histórias é permitir que a criança possa manifestar suas emoções e seu conhecimento de mundo, porque, quando a criança verdadeiramente se identifica com alguma parte da história, ela ouve atenta, com um maior interesse e concentração, tentando de fato adentrar na história, vivenciando-a no seu imaginário. O envolvimento afetivo da criança com a história narrada permite impulsionar seus conhecimentos e assegurar novas experiências ao seu desenvolvimento.

3.5 Recursos para a contação de histórias

A contação de histórias é uma prática que precisa ser valorizada, pois só assim ocorrerá aprendizagem, e os objetivos a serem alcançados serão atingidos. De acordo com Coelho (1998), a história deve ser contada, utilizando-se os recursos mais adequados para apresentá-la. Os recursos mais utilizados pelas professoras são:

- **Simples narrativa**

Conforme Silva (1998) é a forma mais antiga, tradicional e autêntica expressão do contador de histórias. Não são necessários acessórios, pois somente a voz do narrador e a postura utilizada por ele, contribuem para estimular a criatividade. De acordo com Dohme (2010, p.49), “A narração de uma história poderá ter diversas técnicas como suporte, cada qual se constituindo em um novo desafio para os educadores no tocante a aperfeiçoar seu conhecimento de aplicação”.

- **Com o livro**

De acordo com Silva (1998), é usado para textos que requerem a apresentação do livro, nos quais as ilustrações os complementam. É comum se destacarem nesses livros a apresentação gráfica e as imagens, que se tornam tão ricas quanto o texto. Apresentações com o livro incentivam o gosto pela leitura e contribuem para o desenvolvimento da sequência lógica do pensamento infantil. A apresentação do livro deve ser de forma lenta para que todas as páginas sejam visualizadas e apreciadas pelas crianças.

- **Com gravuras**

Esse recurso é a forma na qual são utilizadas gravuras reproduzidas do livro original. Segundo Dohme (2010), fazer uma sequência de quadros favorece a narração, e as gravuras deverão ser ampliadas e expostas à medida que a narração evolua.

Para Silva (1998), as crianças pequenas são as mais favorecidas com esse recurso, visto que as gravuras permitem que elas observem com mais atenção às cenas da história, contribuindo para uma melhor organização do pensamento.

- **Com o flanelógrafo**

Conforme Silva (1998) este é um recurso visual muito prático. O flanelógrafo pode ser confeccionado de madeira ou até mesmo de papelão grosso, em seguida coberto com flanela na qual será o cenário. Os personagens das histórias desenhados ou copiados do próprio livro e recortados são colocados no flanelógrafo. A história é feita com movimentos dos personagens, que ocupam espaços individuais no quadro, dando a ideia de movimento à história e ao cenário.

- **Com desenhos**

Segundo Silva (1998) este é um recurso que pode ser realizado com papel ou no quadro de giz, utilizando-se de desenhos que exacerbem a curiosidade dos ouvintes. É um recurso atraente, principalmente quando há a existência de poucos personagens na história.

Conforme Dohme (2010, p. 50) "não há limites para a criatividade. Coisas simples, quando usadas na hora apropriada, enriquecerão a história". A autora cita exemplos como:

- **Fantoches**
- **Teatro de sombras**
- **Dobraduras**
- **Maquetes**
- **Bocões**
- **Marionetes**
- **Dedoques**
- **Interação com a narração**

Os diferentes recursos utilizados na prática da contação de histórias funcionam como um direcionamento para a imaginação das crianças. Histórias contadas com estratégias e recursos preparados adequadamente podem assumir a função levar às crianças a uma reflexão, capaz de formar conceitos que desenvolvam valores éticos, além de elevarem a autoestima e a confiança.

Contar histórias é uma arte e, como toda a arte, precisa ser lapidada e trabalhada para o seu aperfeiçoamento. Assim, então, contar histórias é acreditar na magia, na fantasia, no mundo da imaginação, necessitando para isso de muita dedicação e estudo.

4 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

4.1 Pesquisa qualitativa

O termo metodologia vem do Latim "*methodus*", cujo significado é "caminho ou a via para realização de algo". Consiste, portanto, em uma explicação minuciosa e detalhada dos caminhos para atingirmos um determinado objetivo, dos meios utilizados, do tempo previsto e de tudo aquilo que se utilizou no trabalho da pesquisa. A metodologia varia de acordo com sua natureza e indica a opção que o pesquisador fez da teoria para a prática, auxiliando na aplicação dos métodos utilizados. Dessa forma, o professor-pesquisador deve considerar todas as condições e o contexto relacionados à sua investigação.

Os métodos utilizados neste estudo são de base qualitativa, estudo e análise de três professoras com suas respectivas práticas pedagógicas, de maneira que se objetivou compreender como elas trabalhavam as contações de história no Infantil V.

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 47-48), a investigação qualitativa tem o ambiente natural como fonte de investigação, sendo o pesquisador o instrumento principal; o contato direto do investigador com o contexto estudado; o tratamento descritivo dos dados obtidos; a ênfase no processo e não nos resultados ou produtos; a análise dos dados de forma indutiva e a preocupação com o significado, isto é, o modo como diferentes pessoas atribuem sentido às vidas, são as principais características desta abordagem.

4.2 Contatos iniciais e lócus da pesquisa

Sempre consideramos interessante o trabalho com a contação de histórias e o prazer que esta transmite para as crianças da Educação Infantil. No intuito de introduzir a contação de histórias na rotina das crianças, de promover um conhecimento acerca do papel que a contação de histórias ocupa no desenvolvimento afetivo, emocional, cognitivo e linguístico, temos vivenciando essa prática e observado o encantamento transmitido por meio das narrativas. Isso despertou o desejo de conhecer um pouco mais sobre a prática da contação de histórias na Educação Infantil e os recursos utilizados nessas práticas.

As instituições escolhidas para a pesquisa estão situadas na periferia de Caucaia e no município de Fortaleza. As escolas estão inseridas em uma comunidade de pessoas de baixa renda.

A escola 1, situada na periferia de Fortaleza, foi escolhida para fazer parte da pesquisa, devido ao fácil acesso e ao vínculo de amizade já estabelecido com a coordenadora

da Educação Infantil, a quem já conhecíamos e que não mediu esforços para nos ajudar em tudo que precisássemos. A escola possuía um espaço amplo e coberto, apesar da ausência de brinquedos adequados para as crianças da Educação Infantil.

O quadro de professores da escola 1 é formado por trinta e seis docentes, divididos em treze salas, sendo três salas de Educação Infantil e dez salas de Ensino Fundamental, que funcionam do primeiro ao sétimo ano, nos turnos da manhã e da tarde. A escola também trabalha com alguns projetos como o “Mais Educação, o Cultura de Paz e Tim faz Ciências”, além do funcionamento de salas com o EJA¹ e com o AEE². A escola atua desde 1993 e possui biblioteca, laboratório de informática, videoteca, sala de AEE, sala de professores, sala de coordenação pedagógica, direção, secretaria, refeitório, bebedouros, banheiros, pátio coberto e uma quadra em fase de construção.

O contato inicial com a escola 1 ocorreu no dia 03 de outubro de 2014. Foi atenciosamente recebida pela coordenadora da Educação Infantil que de forma amigável aceitou a realização da minha pesquisa junto àquela instituição, mostrou-se disposta em ajudar com recursos necessários para o desenvolvimento do meu trabalho.

Em relação à escola 2, situada na periferia do município de Caucaia, a escolha foi feita pelo fato de já conhecermos a escola, por meio de professoras que fazem parte do nosso círculo de amizade, permitindo, sem colocar obstáculos, a realização da pesquisa. A escola possui um espaço apropriado para a Educação Infantil, dispondo de três salas, com banheiros externos. A área de recreação é descoberta, com isso o horário do recreio é comum para todas as turmas do infantil, de forma que a utilização do espaço é feita no início da manhã quando o calor do sol ainda não está muito intenso. O espaço reservado para a recreação das crianças possui diversos brinquedos, como escorregador, cavalinho, casinha de bonecas, minhocão e outros.

A escola 2 tem um quadro de vinte e três professores, incluindo os professores terceirizados, que atuam em projetos desenvolvidos na escola, como o “Mais Educação e o Luz do Saber”, funcionando com três salas de Educação Infantil no período da manhã e três salas no período da tarde, sete salas de Ensino Fundamental I, nos períodos da manhã e da tarde. É composta por sala de coordenação, secretaria, biblioteca, sala de professores, laboratório de informática, quadra de esportes, pátio coberto com alvenaria, cozinha, seis banheiros, sendo dois deles localizados na sala dos professores.

¹ Educação de Jovens e Adultos.

² Atendimento Educacional Especializado.

Embora a escola apresente dificuldades de infraestrutura, foi possível observar o cuidado e o comprometimento da professora observada, com o aproveitamento dos espaços e do material fornecido pela prefeitura local, bem como o seu empenho em desenvolver projetos individuais que possibilitem às crianças e aos pais o gosto pela leitura.

Fomos informadas de que os brinquedos do espaço de recreação foram comprados com recursos adquiridos através da venda de doces e feirinhas feitas pelas professoras, que doaram utensílios e roupas para a realização das feiras abertas aos pais para as compras.

O primeiro contato com a escola 2 ocorreu no dia 13 de novembro de 2014, quando fomos apresentar nossa carta de autorização, enviada por nossa orientadora. Fomos recebidas de forma agradável pela coordenadora da Educação Infantil, a qual nos ouviu atentamente e demonstrou aceitação imediata pelo trabalho que iríamos desenvolver com as crianças, propondo-se ainda a ajudar em nossa pesquisa com recursos que fossem necessários.

Após o encontro com as coordenadoras de ambas as escolas, fomos então às turmas para uma apresentação aos alunos, momento no qual falamos nosso nome, o nome da instituição ao qual pertencíamos, o motivo da nossa presença na sala, o período que duraria nossa pesquisa, os nossos objetivos com a pesquisa e ainda perguntamos se as duas turmas aceitavam a nossa presença na sala, resposta que veio imediata por meio de um sim em ambas as turmas.

A turma do Infantil V da escola 1 era composta por vinte e um alunos, sendo dez meninos e onze meninas, todos com idades entre cinco e seis anos. Permanecemos na escola por quatro dias no horário de 7h30 as 10h00 e durante esse período, as professoras, bem como os alunos, nos receberam sempre com muita satisfação, nos acolhendo com prazer e facilitando sempre a nossa pesquisa.

A escola 2 tinha uma turma de Infantil V composta por vinte e um alunos, sendo dez meninas e onze meninos, com faixa etária de cinco e seis anos de idade. O período da pesquisa durou quatro dias e permanecemos na escola no período de 7h30 as 10h00. Fomos acolhidos de forma simpática pelos alunos e pela professora, podendo assim realizar de forma agradável a nossa observação.

4.3 Sujeitos pesquisados

A escolha das professoras observadas não seguiu a nenhum critério particular, até mesmo pelo fato de as escolas nas quais realizamos a pesquisa só possuírem uma turma de Infantil V no turno desejado para a realização do nosso trabalho. As três professoras, foco da

nossa pesquisa, fazem parte das redes municipais de ensino de Fortaleza e Caucaia, sendo que duas são efetivas e a outra, temporária, como descreveremos a seguir.

A professora 1 trabalha como Professora Regente B (PRB), ficando com a turma da professora 2, que é Professora Regente A (PRA), nos dias de planejamento. A professora está na rede municipal por contrato temporário, é formada em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (UVA), está na educação há 22 anos, sendo todos esses anos dedicados ao trabalho com a Educação Infantil. Desde o nosso primeiro contato, mostrou-se disposta a nos ajudar, recebendo-nos com simpatia e atenção.

A professora 2 faz parte do quadro de funcionários efetivos do município de Fortaleza, é formada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Está na educação há vinte e dois anos, sendo que na Educação Infantil está apenas há um ano, sendo sua primeira experiência. Desde o primeiro contato, mostrou-se gentil e disposta a ajudar com a pesquisa, dando-nos total apoio e liberdade para desenvolver o nosso trabalho.

A professora 3 é formada em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (UVA), fez concurso público e compõe o quadro de servidores do município de Caucaia, trabalha há sete anos com a educação Infantil, inclusive todos os anos foram direcionados ao Infantil V, mesmo antes da mudança de nomenclatura, de Jardim II. Mostrou uma boa aceitação ao trabalho realizado, mostrando-se sempre atenciosa e gentil, procurando nos ajudar com o necessário para a nossa pesquisa. Ficamos muito satisfeitas com a acolhida das professoras e iniciamos o trabalho de observação que será especificado a seguir.

4.4 Observação

A observação é uma estratégia metodológica importante para pesquisa científica. Pesquisando no site Monografias Brasil Escola constatamos que a técnica de observação se manifesta por distintos tipos, segundo critérios específicos. Tendo em vista os meios utilizados, a observação pode se classificar em estruturada e não estruturada³.

Duarte (s. d., *on line*) afirma que:

A observação não estruturada também denominada assistemática, simples, espontânea, informal ou não planejada, conduz a função do pesquisador atuando como mero expectador. Em face dessa realidade, podemos afirmar que tal

³ DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. **Tipos de observação segundo critérios específicos:** a técnica de observação se classifica em tipos distintos, segundo critérios específicos advindos da própria atuação do pesquisador. [200-]. Disponível em: < <http://monografias.brasilecola.com/regras-abnt/tipos-observacao-segundo-criterios-especificos.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

modalidade não é indicada para testar hipóteses, bem como descrever de forma precisa as características e os aspectos relacionados a uma dada amostragem. O intuito a ela atribuído se revela como pública, tais como hábitos de compra, vestuário, frequência a determinados locais públicos, dentre outras circunstâncias. Apenas lembrando que para o registro dos dados colhidos, podem-se utilizar distintos recursos, como gravadores, câmeras fotográficas, filmadoras, além de outros, aqui não especificados.

No que diz respeito à observação estruturada, Duarte (s. d., *on line*) descreve que:

[...] como bem nos revela a própria denominação, caracteriza-se por ser uma ação minuciosamente planejada, com vista a atender critérios preestabelecidos. Assim, cabe ao pesquisador se manter o mais objetivo possível, eliminando por completo sua influência sobre os fenômenos em estudo e se limitando a somente descrever informações precisas acerca do fato em questão. Cabe ressaltar que, mediante tais aspectos, faz-se necessário, como anteriormente expresso, um plano previamente elaborado, que forneça os subsídios necessários à análise da situação, cuja natureza se manifesta por um aspecto iminentemente exploratório.

Com base no texto anterior, observamos que, conforme a participação do observador, a observação pode ser caracterizada por participante ou não participante, compreendida também como passiva, haja vista que quem está observando tende a limitar-se a fazê-la de forma neutra, sem que haja envolvimento ou participação, mantendo-se como expectador. Já na observação participante, a definição sugerida por Duarte (s. d., *on line*) relata que “o observador assume uma posição totalmente ativa, envolvendo-se com o fenômeno analisado”.

Conforme Reyna (1997, p. 7) "as condições de observação são circunstâncias através das quais esta se realiza, ou seja, é o contexto natural ou artificial no qual o fenômeno se manifesta ou reproduz". Por sua vez, o sistema de conhecimento é o corpo de conceitos, categorias e fundamentos teóricos que embasa a pesquisa. De acordo com esse mesmo autor "Observar e descrever são ações inerentes a toda prática antropológica". Já Barton afirma que “Observar é um processo e possui partes para se desenrolar: o objeto observado, o sujeito, as condições, os meios e o sistema de conhecimentos, a partir dos quais se formula o objetivo da observação” (BARTON, 1984, p. 166).

Segundo Reyna (1997, p. 8) são reconhecidos cinco componentes no processo de observação: o objeto de observação, as condições de observação, os meios de observação e o sistema de conhecimentos a partir do qual se formula o objetivo da observação. O autor afirma que tanto o objeto como o sujeito da observação são elementos imprescindíveis para que esta se realize, ele ainda continua afirmando que "não há observação sem objeto, quanto menos sem sujeito”.

Para cumprir os nossos objetivos, realizamos observações em sala com três professoras do Infantil V com intuito de compreender o que elas pensam sobre o papel da contação de histórias na Educação Infantil, quais os procedimentos didáticos empreendidos pelas professoras no momento da contação e como elas realizam as atividades de contação, especificamente nas turmas de infantil V.

As observações foram direcionadas ao cumprimento de nossos objetivos de pesquisa. Nós assistimos aos momentos de Contação de Histórias, sem nenhuma intervenção, posicionamo-nos em lugar discreto, mas que pudesse ser filmado. Utilizamos a filmagem para que pudéssemos garantir o registro e a posterior análise dos dados: o processo de contação de história como prática pedagógica na Educação Infantil, em especial, no Infantil V.

Além da filmagem que nos ajudou na elaboração da pesquisa, elaboramos notas de campo, entrevista, realizamos conversas informais com intuito de conhecer um pouco mais sobre os métodos e estratégias utilizados pelas professoras no momento da contação, como também tivemos acesso a documentos das unidades de ensino, cujos dados relatavam sobre o histórico de cada escola.

Para compreender a atividade de contação de histórias, desenvolvemos entrevistas semiestruturadas que serão relatadas na próxima seção.

4.4.1 Entrevistas

Conforme Bogdan e Biklen (1994, p. 135-136) a entrevista semiestruturada é concebida como a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos, embora se perca a oportunidade de compreender como é que os próprios sujeitos estruturam o tópico em questão. Os autores afirmam que " [...] boas entrevistas produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes e que um bom entrevistador comunica ao sujeito o seu interesse pessoal, estando atento, acenando com a cabeça e utilizando expressões faciais apropriadas".

As entrevistas foram feitas com as professoras por meio de perguntas gravadas em áudio e, em seguida, transcritas. As professoras entrevistadas demonstraram facilidade e objetividade nas respostas, ao mesmo tempo em que foram gentis e prestativas em responder às perguntas.

Escolhemos esse tipo de entrevista, pois nos levou a direcionar as questões de forma individual, de modo que percebêssemos como as professoras direcionavam os momentos de contação de histórias com as crianças, dentro do foco investigado, sendo

possível um contato mais direto com elas, tendo em vista o espaço de tempo que tínhamos dentro das unidades escolares (APÊNDICE B).

4.4.2 Diário de campo

As anotações realizadas durante a pesquisa foram de grande importância para a consolidação desse estudo, uma vez que eram anotadas sistematicamente as ações das professoras 1, 2 e 3, bem como as trocas nas falas verbais e interações entre professoras e alunos. Foi também uma grande contribuição no levantamento de informações e na qualidade dos dados obtidos por meio das gravações em vídeo. Essas anotações se deram de forma objetiva, em um trabalho paralelo ao de gravação em vídeo.

Para uma maior segurança das informações escritas no diário de campo, as gravações feitas em vídeo foram consultadas frequentemente e também seus conteúdos complementados, no intuito de evidenciar os detalhes da observação e nos auxiliar em um melhor aproveitamento dos dados obtidos com a pesquisa.

O diário de campo é importante, pois nele podemos fazer um relato escrito daquilo que ouvimos e vemos durante as observações, no decorrer da pesquisa, ajudando em um melhor acompanhamento do trabalho e contribuindo para com as análises que serão tratadas no próximo capítulo.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Reflexão sobre os procedimentos didáticos e estratégias utilizados pelas professoras na contação de histórias do infantil

Neste capítulo, analisamos o conteúdo das observações de atividades de contação de histórias infantis em duas turmas do Infantil V. O objeto de análise constou não somente das contações em si, mas de todos os procedimentos utilizados pelas professoras durante as contações, estas registradas em áudio e vídeo, estratégia que nos permitiu uma análise reflexiva mais criteriosa.

No primeiro dia de observação da professora 1, ficamos atentas à rotina das crianças, procurando não interferir. Ao longo do período que permanecemos na escola, pudemos observar que, todos os dias logo após a entrada na sala, era realizada a acolhida, momento em que as crianças cantavam e faziam a contagem dos alunos presentes, e após a acolhida a professora conversava com os alunos dando início à contação de histórias.

No momento da primeira contação, posicionamo-nos em um canto da sala do qual fosse possível observar de forma ampla a narrativa da professora, as estratégias utilizadas e o envolvimento da turma com a história narrada. A história contada foi “Bruxa, bruxa venha à minha festa”, uma história sequencial escrita por Arden Druce e traduzida por Galda de Aquino, a qual a professora iniciou mostrando a capa do livro e utilizou as imagens para a exploração da história (ANEXO A).

Pudemos observar que as crianças permaneceram sentadas em seus lugares, longe da professora. A docente apenas fazia a leitura do texto mostrando as imagens do livro a cada página lida. Após a contação, a professora afixou o livro no quadro e distribuiu folhas de papel divididas em quadros, para que as crianças realizassem o reconto por meio dos desenhos dos personagens da história, nos quais cada quadro era para um personagem (ANEXO B). Depois, ela pegou as folhas e as aguardou sem fazer nenhum comentário acerca da atividade realizada, deixando assim a atividade de reconto sem sentido para as crianças. À medida em que algumas iam entregando e a professora guardando, observamos que as outras já não sentiam interesse em continuar o desenho, visto que seria apenas para a professora guardar (ANEXO C).

Ainda no momento do reconto, observamos que algumas crianças não se motivaram muito em realizar o desenho, pelo fato de a contação não ter despertado o desejo em ouvir a história, até pela falta de interação da professora no momento da narrativa – a docente não demonstrava tónus na hora da narração, mantinha-se distante das crianças.

Entretanto, sabemos que o momento da contação é aquele no qual os laços de aproximação da professora com as crianças ficam mais estreitos, de modo que há uma cumplicidade de ambos, sendo necessária a valorização das produções para que de fato a criança sinta o desejo de, através da história, procurar outros livros e dar continuidade à sua própria leitura.

No segundo dia de observação assim como no primeiro dia, ficamos em um canto da sala onde pudéssemos observar sem atrapalhar o momento da contação. A professora iniciou a aula realizando as mesmas atividades antes mencionadas, acolhida, contagem dos alunos e como observamos anteriormente, as crianças permaneceram sentadas em seus lugares. A professora, em pé, apresentou a história que iria ser contada e deu início à leitura. A segunda história contada foi “E o dente ainda doía”, uma história sequencial escrita por Ana Terra. A história foi contada com o apoio das imagens do livro que eram mostradas ao passo que a professora ia lendo a história (ANEXO D).

Observamos, no segundo dia de contação, que, à medida que a história ia sendo narrada, embora fosse usada por algumas vezes uma entonação de voz, a professora não interagia com as crianças, deixando-as assim desmotivada a ouvi-la e por não haver interação, por diversas vezes eram necessárias pausas na história, não para uma conversa com as crianças ou até mesmo uma interação com elas, mas para o pedido de silêncio, uma vez que as crianças conversavam bastante.

Não foi constatado um tônus na professora, que sem fazer nenhuma pré-contação, para que ativasse os conhecimentos prévios das crianças, lia a história e ia passando as páginas, sem interagir, sem questionar, sem fazer as pausas necessárias para dar espaço à imaginação. Tivemos a impressão de que essa atividade que, para nós, é de extrema importância, era realizada de forma “fria”, sem o sentimento e paixão requeridos a um contador de história, e essa atitude foi refletida claramente nas ações das crianças perante essa atividade (ANEXO E).

Como no primeiro dia de contação, no reconto, a professora também entregou folhas de papel ofício para que as crianças desenhassem os personagens da história, e o livro da mesma forma, realizada na contação anterior, foi fixado no quadro. E à medida que as crianças fossem desenhando o personagem da página fixada, a professora mudava colocando na próxima página, de modo que todos acabaram por desenhar os personagens na mesma ordem.

O momento da contação, assim como o do reconto de histórias, nos dá a possibilidade de observar o envolvimento das crianças entre si e com a narrativa, de modo que, ao passo que nos aproximamos e interagimos com elas, deixando que cada uma expresse

e retire da história o que mais necessita naquele momento, estaremos contribuindo para o crescimento cognitivo e intelectual e ainda o estímulo à compreensão de conceitos éticos.

Como comentamos no capítulo 2, a respeito da importância e do cuidado com o planejamento da história, observamos que a professora 1 não utilizou recursos e estratégias que permitissem aos alunos um maior envolvimento com a narrativa, deixando o momento da contação sem espaço para novas descobertas, inclusive o uso da imaginação e da mente das crianças, que, no momento da contação, são estimulados. Constatamos que a professora poderia ter dinamizado a história e faltou estímulo para que a narrativa partisse das imagens para um ponto mais envolvente, na qual as crianças atribuíssem os sentidos possíveis aos conflitos inerentes às histórias com mais liberdade.

A professora 1 tem o conhecimento sobre a importância da contação de histórias na formação da criança em diversos aspectos do seu desenvolvimento, como afirmou durante a realização da entrevista: “A contação de histórias trabalha a imaginação, a criatividade, o saber ouvir e diversos aspectos. O mundo infantil vive da lembrança feita por meio das histórias” (PROFESSORA 1).

Embora a professora 1 reconheça o valor da contação de histórias no desenvolvimento da criança, ela não vem unindo a sua teoria à prática utilizada em sala, deixando de utilizar a contação como um estímulo e incentivo no caminho da leitura e da escrita, além de interferir no entrosamento das crianças com a narrativa, uma vez que a ação didática é sempre dirigida de forma mecânica.

Para que o convívio com a história se torne algo efetivo, é necessário uma adequação dos textos às diversas etapas do desenvolvimento da criança, como afirma Coelho (2000). Nesse caso, a professora 1 demonstrou, durante as contações observadas, não aplicar as ideias da autora citada, fazendo do momento da contação um ato sem procedimentos didáticos apropriados, de modo que algumas estratégias que contribuem para a narrativa fiquem interessante e chame a atenção dos pequenos, não foram apreciadas e o momento da história não teve a devida atenção que merecia.

Nessa fase em que se encontram as crianças, no caso as do Infantil V, elas precisam da atenção de um adulto como um agente estimulador, que a ajude a abrir as portas da escrita no sentido que, uma vez que o interesse pela história é despertado, a criança sentirá o desejo de lê-la sozinha, despertando a curiosidade pela modalidade escrita. As histórias nessa fase precisam ser bem humoradas, de maneira que envolva a criança a embarcar na história. Se o professor demonstra que reparou aquele momento mágico com dedicação, que se importa com o que as crianças pensam sobre aquela narrativa, doa tempo para discussão e

para o debate, assim como também para ouvir às crianças, os pequenos entenderão que aquele momento de fato é importante e, certamente, se envolverão mais.

Em relação às observações da professora 2, no primeiro dia de observação da professora 2, agimos do mesmo modo como com a professora 1, procurando um lugar que não atrapalhasse o desenvolvimento da atividade da participante observada. O horário utilizado pela professora 2 para a contação de história era após o intervalo do recreio, desse modo ela nos pediu para chegar na escola no horário de 9h00, que era o momento em que as crianças saíam para o intervalo. Ao retornarem do recreio, às 9h20, a professora colocou uma música instrumental e iniciou o momento do repouso e, logo em seguida, começou o momento da contação, no qual os alunos ficaram sentados na rodinha junto com a professora.

A primeira história contada pela professora 2 foi “Do outro lado do lado”, uma história sequencial, escrita por Bebete Alvim, na qual a professora utilizou o livro e suas imagens para a contação (ANEXO F). Observamos que a professora iniciou chamando as crianças para a rodinha e já iniciou a apresentação do livro, não fez nenhuma pré-contação para que as crianças tivessem uma interação com a história. No momento da leitura do livro, houve diálogo com as crianças, à medida que a professora ia passando as páginas, ela dava pequenas pausas entre uma cena e outra para interagir, dialogando um pouco de como seria a próxima cena e o que poderia acontecer, perguntado sempre que ia mudar a página: *O que vocês acham que está do outro lado?* As crianças diziam nomes de objetos comuns que poderiam fazer parte da cena, como: *Vai aparecer uma casa, Tia, acho que é o osso do cachorro*, entre outras respostas. Percebemos que houve uma interação com a turma, haja vista que as crianças permaneceram atentas enquanto a história era contada pela professora, havendo alguns momentos de interrupções, em que a professora pedia silêncio durante a história, pelo fato de haver conversas paralelas não referentes à atividade.

No momento utilizado para o reconto, a professora, juntamente com as crianças, permaneceu na rodinha, perguntando quem gostaria de recontar a história para os demais colegas, o que gerou muito barulho e confusão entre as crianças, que, juntas e ao mesmo tempo gritaram e levantaram as mãos pedindo para recontar a história. Visto que não daria para todos recontarem, em virtude do tempo, a professora então pediu a ajuda de todos e novamente utilizando o livro fez ela própria o reconto, perguntando para as crianças o que acontecia a cada cena. À medida que ela mostrava a cena, perguntava para as crianças: “E aqui, o que aconteceu?”, E agora o que está do outro lado? E assim as crianças iam respondendo até o final da história (ANEXO G).

Observamos que houve interação entre a professora 2 e as crianças, durante a contação, no entanto faltou um pouco mais de estratégias no momento do reconto, o que impediu as crianças de recriarem a história com suas próprias construções. Como sabemos, o reconto, além de um exercício para a socialização entre as crianças, é ainda um estímulo para o uso da imaginação, na qual elas próprias se encarregam de acrescentar novas ideias à narrativa, criando um novo contexto e até mesmo inventando personagens não existentes na história antes ouvida. Sobre esse aspecto, Busatto (2011) afirma que ao contar histórias à criança, além de desenvolver aptidões importantes, como se expressar perante um grupo de pessoas, ela entra em contato também com seus afetos, pois dará forma e expressão aos sentimentos contidos no texto, aprendendo assim a lidar com os seus. Dessa forma, compactuamos com as ideias da autora que atribui uma importância pedagógica ao reconto de histórias pelas crianças, momento que deve ser cuidadosamente planejado pelo educador infantil.

No segundo dia de observação da professora 2, como anteriormente mencionado, procuramos um lugar específico na sala na qual pudéssemos observar sem atrapalhar o desenvolvimento da contação de histórias pela professora. A história contada foi “O dinossauro desatento” (ANEXO H), escrito por Jack Tickle, que, aliás, chamou bastante a atenção das crianças por ser um livro em 3D, cujos personagens se mexiam de acordo com os movimentos das páginas. A professora procedeu do mesmo modo do dia anterior, esperando os alunos voltarem do intervalo do recreio, em seguida colocando a música do repouso e só depois iniciando a contação.

Ao iniciar o momento da contação, a professora chamou as crianças para o meio da sala, no qual fez a rodinha e deu início à história apresentando o livro e perguntando para as crianças se elas sabiam o nome do animal que estava na capa. Como na capa tinha um dinossauro, de imediato todos disseram o nome do animal. A contação aconteceu de forma conturbada, pelo fato de ter havido muitas interrupções ao decorrer da história, quando a professora pedia silêncio para algumas crianças que conversavam que não despertavam interesse em participar da atividade de contação e também pelo fato de não haver um envolvimento da professora com a turma. À medida que a professora ia realizando a leitura, ela dava uma breve pausa para mostrar as gravuras e dialogar com as crianças sobre a cena mostrada (ANEXO I).

A professora utilizou o momento do reconto apenas para mostrar as gravuras dos dinossauros, perguntando as características de cada um dos animais às crianças, o que gerou tumulto da turma, ao passo que todos queriam falar ao mesmo tempo. Observamos que nesse

momento pode ter faltado um pouco de planejamento, que envolvesse a turma com a história e com novas descobertas, já que a narrativa tratava de uma espécie extinta e incomum ao dia a dia das crianças. Por não se tratar de um conto de fadas maravilhoso, as crianças demonstraram mais curiosidade ao aspecto informal desses grandes animais.

Na entrevista feita com a professora 2, ela nos relatou sobre a importância que a contação de história tem para as crianças do Infantil e ainda sobre seu papel dentro do Infantil V na descoberta da escrita, apesar de que, no momento em que observamos as contações feitas pela professora 2, a sua prática não tenha sido semelhante às respostas dadas durante nossa entrevista. A professora, durante a entrevista, afirmou que:

A gente conta história para mostrar que existem outras histórias, que existe outros gêneros textuais, a gente conta história pra divertir, pra dar lição, pra ensinar, pra orientar, é uma forma melhor de trabalhar aquilo que eles estão aprendendo através das histórias. Além do lazer, porque eles gostam muito, a questão deles observarem os personagens, relacionar ações às pessoas, a história ela ensina moral, ela ensina ética, ensina coisas banais do dia a dia, valores, a história ela serve pra tudo, matemática, ciências, em tudo a história é válida (PROFESSORA 2).

Percebemos que, embora os conhecimentos da professora 2 sejam amplos em relação à contação de histórias e suas vantagens, percebemos que sua prática priorizou o aspecto informacional, conteudístico acerca da vida dos dinossauros. Nesse momento, escapou-lhe priorizar os aspectos lúdicos da natureza literária.

Fomos informados, por meio de relatos da professora, que as histórias eram escolhidas de acordo com o conteúdo didático a ser trabalhado, fugindo assim do verdadeiro intuito da literatura infantil, que não é apenas didático, mas acima de tudo uma junção do imaginário com o real, na qual a criança mergulha em um mundo de fantasias, trazendo o que realmente necessita para a sua realidade, pois, ao ouvir e contar uma história, a criança passa a estabelecer uma relação ativa com o imaginário, resgatando assim significados à vida real.

Como afirma Busatto (2011, p.11), “Contar histórias, pressupõe deixar de lado algumas técnicas pedagógicas aprendidas e ir à busca de algo que foi esquecido, e que permanece em algum lugar do nosso ser”.

Quando contamos uma história, partimos de um mundo possível, não necessariamente real, o encantamento advém do jogo dramático que as histórias despertam, elas precisam ter um início, um meio e um fim, o imaginário sobrepõe-se ao de caráter formal e didático. Talvez por se tratar de um livro que explorava mais as informações sobre a existência dos dinossauros, prevaleceu o aspecto didático, e a contação mudou um pouco de formato: a leitura informativa ficou mais evidente.

Contar história é bem diferente de ler história, o que requer do professor um aprofundamento e um estudo diário, necessitando de um estímulo para que de fato a narrativa atraia os pequenos e que os convide a mergulhar no mundo da fantasia e da leitura, contribuindo para que seu universo possa se ampliar e se tornar mais rico à medida que haja interação com os livros e com as histórias.

No primeiro dia de observação da professora 3, como fizemos na escola 1 com as professoras 1 e 2, procuramos um lugar na sala que não atrapalhasse a contação. Os alunos ficavam na rodinha na qual era feita a acolhida, momento em que a professora fazia a contagem dos alunos, cantava a música do dia, tinha uma conversa informal sobre os alunos que faltaram, as crianças cantavam uma música que antecipava o momento da história e então se preparavam para ouvir a professora, ficando bastante à vontade, alguns deitados e outros sentados em um tapete colocado no meio da sala.

A história contada, no primeiro dia de observação, foi “O Joelho Juvenal”, escrita por Ziraldo (ANEXO J). Inicialmente a professora cantou a música que cantava antes das contações e iniciou falando sobre lateralidade, lado direito, lado esquerdo, pediu para que as crianças levantassem o braço direito, em seguida o esquerdo e dessa forma ela utilizou todos os membros até que chegou ao joelho. Logo após o momento da conversa informal, no momento de pré-contação, ela falou o título da história mostrando a capa do livro para as crianças e perguntou quantos *Juvenaus* havia na sala, referindo-se ao número de joelhos dos alunos, mais precisamente do joelho direito de cada um.

Dirigindo-se aos alunos ela, pediu para que mostrassem o joelho direito e, chamando-os um por um, ela desenhou um rostinho nos joelhos tais quais ao que havia no livro (ANEXO K). A partir desse momento, a turma já estava totalmente envolvida com a história. Ela contou a história primeiramente usando as imagens do livro, destacando sempre as ilustrações, procurando fazer com que as crianças relacionassem a história com algum tipo de experiência pessoal, fazendo perguntas relacionadas à história como: *Quem aqui conhece um menino que tenha um joelho como o Juvenal? O que vocês acham que o Juvenal queria falar para o menino?* E as crianças prontamente respondiam: “Tia parece o joelho do [...]”, falando o nome dos colegas que achavam, ou “Tia ele quer dizer para o menino não cair mais”. A professora conduzia a contação sempre dialogando e interagindo com elas, e ao concluir, fez o reconto utilizando as crianças, aliás, seus joelhos como personagens da história, de modo que todos puderam participar, exceto aqueles que por timidez e por serem envergonhados e não gostarem de se expressarem diante dos colegas, realmente não quiseram.

Durante o momento do reconto, as crianças ficaram bastante envolvidas com a história, empolgados em participar como personagens da narrativa, gesticulando e realizando movimentos conforme a professora ia narrando. Foi possível perceber o entusiasmo das crianças e a transposição do real para o imaginário, em um momento simples, mas que estimulou a fantasia de todos, quando deram vida à história narrada pela professora. Após o reconto, foi possível observar a participação das crianças no momento de discussão sobre a história, na qual a professora por meio de conversa informal fez um paralelo da história com a vida delas, citando situações do cotidiano (ANEXO L).

A professora, apesar de dispor de poucos recursos, manteve uma relação de aproximação e afetividade com as crianças, quando interagiu e promoveu a satisfação e o prazer, envolvendo-as no contexto da história, deixando que expressassem suas ideias e pensamentos a respeito do tema da narrativa, além da socialização da turma. De acordo com Busatto (2011), “educar é também desfrutar o prazer de estar junto numa atividade gostosa.” Podemos afirmar que a contação e o reconto da história de acordo com as atitudes das crianças foram uma atividade gostosa.

Um clássico da literatura infantil escolhido pela professora para a contação do segundo dia de observação foi “A bela adormecida”. Para iniciar, a professora apresentou a capa do livro e falou o nome da história que iria ser contada (ANEXO M). A professora perguntou se as crianças conheciam a história e algumas de imediato lembraram-se da bruxa que colocou a princesa para dormir. Como de costume a professora pediu para que as crianças ficassem à vontade, e em seguida fez um convite para as crianças, perguntando quem gostaria de fazer parte da história. Algumas logo levantaram os braços e então a professora foi apresentando os papéis de cada uma, fazendo da história uma peça teatral (ANEXO N).

De forma improvisada, a professora logo caracterizou as crianças colocando adereços para que fossem identificadas com os personagens que iriam representar na história. Durante a contação, a professora fez o papel de narradora e algumas crianças o de personagens e, à medida que ela ia contando a história às crianças de forma improvisada, apenas usando a imaginação e o conhecimento prévio da história, iam dublando ou apenas se movimentando conforme a narrativa. Chamou-nos a atenção o fato de que nenhuma das crianças queria ser a bruxa, enquanto apenas um menino se pronunciou querendo o papel da personagem. A professora, de forma sábia, não desprezou a vontade do menino em participar apenas por ele não ser do mesmo sexo da personagem descrita no livro. Ela fez uma adaptação e, durante a narrativa, a história então passou a ter um bruxo (ANEXO O). Esse mesmo bruxo, no decorrer da história, pelo motivo de outra criança ficar inibida em realizar o

papel do príncipe, também acabou fazendo o papel de príncipe que, aliás, fez uma ótima interpretação com direito a um beijo na donzela que dormia e um pedido de casamento ao rei, pai da Bela adormecida (ANEXO P).

Foi possível observar que a professora 3 interagiu de forma integral com a turma e que seus conhecimentos em relação à importância da contação de histórias nas salas de Educação Infantil não ficaram apenas na teoria, mas foram praticadas, levando as crianças a alimentarem sua imaginação, ampliando seus conhecimentos. A professora nos relatou na entrevista que a contação de histórias é uma das principais atividades realizadas com as crianças e que conta histórias porque “Na história tem como eu ver melhor como eles se expressam, como eles reagem, como eles interagem um com o outro e comigo também, eles vão tendo uma credibilidade com a professora, eles vão se soltando, então eu conto por isso” (PROFESSORA 3).

Durante a observação, presenciamos uma sintonia entre a professora e as crianças, assim como da entrega emocional de ambos durante a narrativa. Houve por parte da professora uma identificação com a história e uma doação de sensibilidade e flexibilidade, a partir do momento da escolha dos personagens até a finalização da narrativa.

Nesse ponto de vista, Busatto afirma que “Se quisermos que a narrativa atinja toda a sua potencialidade devemos, sim, narrar com o coração, o que implica em estar internamente disponível para isso, doando o que temos de mais genuíno, e entregando-se a esta tarefa com prazer e boa vontade” (2011, p. 47).

São essas identificações entre o professor e a história que fazem a diferença no momento de contação. É possível, mesmo com a tecnologia nos rodeando, envolver nossas crianças ao contar histórias com o coração, pois educar é trocar experiências, é ter como base o respeito mútuo, em uma relação envolta de afeto e cumplicidade. As histórias narradas através dos livros infantis ainda são capazes de levar às crianças a um caminho trilhado por fantasias e cores, embora saibamos que a realidade não seja tão gentil com nossas crianças, elas podem trilhar de mãos dadas com a alegria e o prazer. Em vista dessas razões, acreditamos que essas estratégias de ordem metodológica nos guiaram para que os nossos objetivos fossem alcançados.

Observamos, no decorrer da pesquisa, que as contações realizadas entre as três professoras foram bem diferentes, cada uma com sua estratégia e modo de realizar a atividade com as crianças. Durante as observações, constatamos ainda algumas diferenças, principalmente em relação ao relacionamento afetivo entre as professoras e as turmas, o que

no momento das contações ficou mais evidente, por meio do comportamento das crianças e das atitudes delas ao longo do desenvolvimento da atividade.

Durante a observação, analisamos o quanto a afetividade e interação são importantes para que a contação seja de fato aceita e exerça influência sobre as crianças. A professora 1, por se manter sempre longe das crianças, dificultou esse elo de afeto, que muitas vezes existe, mas que, por conta da falta de abertura da professora, as crianças tendem a se afastarem, gerando certo desinteresse da turma em relação não só à contação de história, mas às demais atividades realizadas em sala.

Há professoras que pensam não ter jeito para contar histórias, mas que, quando se deparam com a reação das crianças, percebem o mundo de encantamento que existe por trás das narrativas. A interação entre crianças e professora é um dos únicos meios para que se tenha qualidade no momento da contação. A professora 2, ao fazer a rodinha, criou uma interação com a turma, ao aproximar as crianças para perto dela, porém, ao sentar em uma cadeira, embora pequena e baixa, dificultou a proximidade com as crianças.

Ler histórias para crianças, como afirma Abramovich (1997), “é poder ser cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento”. A professora 3 nos levou a pensar, durante as observações, o quanto é importante participar da história e deixar que as crianças participem, pois assim despertamos a curiosidade e o imaginário delas e ainda criamos um vínculo de afeto que transcenderá as contações, possibilitando-as a descobrirem e esclarecerem suas próprias dificuldades e conflitos. Há muito o que ser feito, como pesquisar os ganhos cognitivos, linguísticos e afetivos das histórias em crianças pequenas, estudar o currículo dos cursos de Pedagogia em relação à literatura infantil e muitos outros temas que poderiam ser empreendidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa teve como objetivo analisar a contação de histórias como prática pedagógica e o seu papel na Educação infantil. Além disso, durante o curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, adquirimos conhecimentos teóricos que nos possibilitarão colocar em prática o que aprendemos não apenas acerca da contação de histórias, mas de toda uma ação pedagógica significativa e fundamentada em relação ao tema.

Embora nossa pesquisa tenha tido foco em observar as ações das professoras - os procedimentos e as estratégias utilizadas na contação de histórias - tivemos a oportunidade de participar como ouvinte de momentos de contações de forma reflexiva e crítica para que possamos colaborar com o desenvolvimento de estratégias didático-pedagógicas que permitam o envolvimento e a emancipação de crianças pequenas.

O desenvolvimento do tema escolhido, a pesquisa de campo e as observações colaboraram para que o nosso interesse pela contação de histórias e pelo mundo da literatura infantil aumentasse ainda mais. A alegria em poder ver no rosto de cada criança, o encanto pelas histórias quando mergulham nelas com sua imaginação é algo gratificante e incomparável, o que nos levaram a acreditar da importância da contação de histórias na rotina da Educação Infantil.

Também é importante considerar a atenção com a qual fomos recebidas pelas turmas e pelas professoras observadas. Desde o primeiro dia de observação, elas se mostraram atenciosas, oferecendo-nos apoio no desenvolvimento do trabalho, além do carinho das turmas com gestos de afeto e respeito nos momentos das gravações.

Para o pesquisador, o estudo de campo mostra-se fundamental. No decorrer das observações, percebemos a alegria e o entusiasmo das crianças ao ouvir as histórias. Esses aspectos nos mostraram a importância de continuar o trabalho e que valeria a pena a sua conclusão. O encanto em ver as crianças tão ansiosas pelo momento da contação foi estimulante para o prosseguimento das observações. O espaço da sala, os alunos e as professoras, que eram foco da pesquisa, foram observados, e o trabalho com a gravação em vídeo foi imprescindível para consultas posteriores no decorrer das observações e das análises.

As observações em relação à prática da contação de histórias e seu papel na educação infantil mostraram que essa prática enriquece o cotidiano das atividades e contribui significativamente para as crianças da Educação Infantil, em especial as do Infantil V, incentivando-os para o prazer e para a descoberta da leitura. A literatura infantil permite que a

criança amplie suas vivências culturais, uma vez que o contato com a língua, tanto na modalidade oral quanto escrita, proporciona o desenvolvimento de suas relações interpessoais.

Pudemos perceber de acordo com a prática das professoras observadas que a contação de histórias pode: levar a criança ao mundo da fantasia, na qual ela possa usar o imaginário e liberar suas emoções, interagir com o outro, usar a linguagem para expressar o que pensa e o que sente não é bem compreendido. A prática da contação de histórias na Educação Infantil precisa ser aprimorada, de modo que as professoras repensem sobre o verdadeiro papel da literatura infantil, não tornando esse momento como repasse de conteúdo, na qual as histórias precisem estar diretamente ligadas aos “conteúdos didáticos”, ou seja, usadas para preencher espaços vazios e ociosos entre os momentos de atividades.

As contações precisam estar presentes na rotina das crianças como um momento lúdico, no qual elas possam expressar todas as suas vivências e experiências – um momento de encantamento preparado antecipadamente com carinho, baseado em um planejamento feito de acordo com o nível de entendimento da turma, com histórias escolhidas e direcionadas à sua faixa etária e ricas de conteúdo dramático. É fundamental planejar e pesquisar e, se necessário, reconstruir suas práticas, para que os resultados sejam significativos.

A riqueza de recursos e estratégias utilizados no momento da contação, assim como os procedimentos didáticos utilizados pela professora também são partes importantes, para que as histórias fiquem mais atraentes. No momento de observação, percebemos que uma das professoras fez com que o imaginário das crianças fosse trabalhado, usando sua criatividade e sensibilidade, mesmo com poucos recursos, transportou a turma para a história por meio da caracterização e dramatização. Com essa atitude, a professora conseguiu expandir a capacidade de compreensão das crianças em relação à história, foram coparticipantes da construção dos possíveis sentidos que aquela história podia assumir além de ganharem intimidade com o livro.

No processo de contação, não basta apenas conhecer a história, a professora precisa estar preparada para mergulhar junto com as crianças em um mundo imaginário para que sua relação com elas aumente. Conhecer a história e estar disposta a interpretá-la utilizando, além da sua voz, gestos e objetos, é a única forma de despertar emoções nas crianças e proporcionar uma interação participativa delas, pois a criatividade não tem limites quando se quer de fato alegrar e encantar uma criança.

Assim, a contação de histórias pode ocupar um lugar importante na rotina das crianças, embora nem todas as professoras observadas tenham compreendido essa realidade.

A escola juntamente com as professoras precisa rever o lugar que a contação de histórias precisa ocupar na rotina das crianças da Educação Infantil, de modo que haja uma mudança em seus projetos pedagógicos, auxiliando os professores a desempenharem atividades com a contação de histórias, valorizando assim o prazer e o gosto pela leitura.

Por esse motivo, um trabalho realizado em parceria entre as escolas e as professoras, o qual as levem a buscar um pouco mais de conhecimentos sobre a importância da contação de histórias na Educação Infantil, assim como uma capacitação para que melhorem sua prática pedagógica e reflitam sobre essa mesma prática, fará com que os momentos de contação levem mais emoção às crianças e deixem de ser apenas um passatempo, para ser de verdade um instrumento de sensibilização da consciência infantil.

Podemos afirmar, com base nas contações de histórias que observamos no Infantil V, que o planejamento realizado pela professora, a utilização de estratégias e recursos, o reconhecimento da atividade de contação como um momento de envolver as crianças e convidá-las a participar do jogo de ficção são fundamentais para que a atividade seja significativa e cumpra os seus objetivos pedagógicos.

Por fim, acreditamos que, a cada história contada, uma nova descoberta é levada às crianças, ampliando a sua capacidade e o seu interesse em compreender o mundo complexo que elas vivem.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
- ALBERGARIA, Lino de. **Do folhetim à literatura infantil**: leitor, memória e identidade. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1996.
- AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BARBOSA, Christiane Jaroski, SANTOS, Luciane Rodrigues da Silva. Contação de histórias para crianças dos anos iniciais. **Revista FACEW**, Vila Velha, n. 3: p. 23-33, jul./dez., 2009. Disponível em: <<http://www.facevv.edu.br/revista/03/artigo%20christiane%20jarosky.pdf>>. Acesso em: 4 set. 2014.
- BARTON, E. J.; ASCIONE, F. R. Direct observation. In: OLLENDICK, T. H.; HERSEN, M. **Child behavioral assessment**: principles and procedures. New York: Pergamon Press, 1984. p. 166-194
- BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição. **A hora do conto**: da fantasia ao prazer de ler. Porto Alegre: Sagra - DC Luzzatto, 1995.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Lisboa: Bertrand Editora, 2011.
- BIBLIOTECA ON-LINE DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 1997. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 20 nov. 2014.
- BOGDAN, Roberto C., BIKLEN, Sari Knoop. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. **Coleção Ciências da Educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3 v.: il.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise. Didática – 1. São Paulo: Moderna, 2000.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura**: teoria e prática. São Paulo: Ática, 2006.
- DOHME, Vânia D'Angelo. **Técnicas de contar histórias**: um guia para desenvolver as habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. Petrópolis: Vozes, 2010.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. **Tipos de observação segundo critérios específicos:** a técnica de observação se classifica em tipos distintos, segundo critérios específicos advindos da própria atuação do pesquisador. [200-]. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.com/regras-abnt/tipos-observacao-segundo-criterios-especificos.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

FONTES, Maria José de Oliveira. Leitura de histórias: interação do professor com as crianças. In: CONGRESSO DE ECONOMIA DOMÉSTICA, XVI, **Anais...** 2001.

FREITAS, Alessandra Cardoso. **Os filhos da carochinha:** a contribuição da literatura na estruturação da linguagem em crianças de educação infantil. 2002. 166 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

GONDIM, Meire Virginia Cabral. **Conta outra vez...:** o texto literário como suporte mediador do desenvolvimento de narrativas orais. 2004. 333fls. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil:** múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina: **Literatura infantil brasileira:** histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1988.

MODERNA Enciclopédia Universal. Acesso em: 19 nov. 2014.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

NEDER, D. L. de S. M.; Almeida, É. C. S.; CUNHA, L. A. L. FERNADES, L. C. da S.; CASTRO, T. L. de.; ALMEIDA, T. C. de. Importância da contação de histórias como prática educativa no cotidiano escolar. **Pedagogia em Ação**, v. 1, n. 1, p. 1-141, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/648/662>>.

PRIORE, Mary Del. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império. In.: **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

RAMOS, Fábio Pestana. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. In.: PRIORE, Mary Del. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 19-54. p. 19. Ibidem, idem. p. 21-22.

REYNA, C. P. **Vídeo e pesquisa antropológica:** encontros e desencontros. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. 1997. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

SANDRONI, Laura C; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro:** guia prático de estímulo a leitura. São Paulo: Ática, 1986.

SANTOS, Claudia Maria Pereira. **Leitura e contação de histórias**: importância para a rotina da educação infantil. Fortaleza-CE, 2011. 128 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

SANTOS, L. R.; FARIA, M. L.; OLIVEIRA, N. M.; DADA, P. P.; FERREIRA, S. L. V.; CARVALHO, V. P.; Ribeiro, V. S.; SANT'ANNA, V. L. L. A educação religiosa no ensino fundamental: desafios e perspectivas à prática docente. *Pedagogia em Ação*, v. 1, n. 1, p.1-141, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://file:///C:/Users/willian/Downloads/656-2074-1-PB.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2014.

SILVA, Maria Betty Coelho. **Contar histórias uma arte sem idade**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1998.

SILVA, Vera Maria Tieztmann. **Literatura infantil brasileira**: um guia para professores e promotores de leitura. Goiânia: Cãnone Editorial, 2008, 272p.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Curitiba: Positivo, 2005.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Tereza. **Aprender a ler e a escrever**: uma proposta construtivista; trad. Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2003.

YUNES, Eliana, PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 12. ed. São Paulo: Global, 2003.

**APÊNDICE A - CARTA ENVIADA A DIREÇÃO DAS INSTITUIÇÕES OBSERVADAS
NOS MUNICÍPIOS DE CAUCAIA E FORTALEZA**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**



Ilma. Sr.^a Diretora,

Meire Virginia Cabral Gondim, orientadora da pesquisa “Contação de histórias: análise de recursos e de estratégias utilizadas pelas professoras nas turmas de Infantil V” vem, respeitosamente, requerer sua autorização para a aluna Regiane Silva Bastos possa desenvolver sessões de observações e entrevistas com as professoras com intuito de elaborar a sua monografia do referido curso. O trabalho monográfico visa *analisar a contação de histórias como prática pedagógica e o seu papel na Educação Infantil, especificamente no Infantil V*. Todas as atividades serão gravadas em áudio e vídeo e transcritas para análise, mas os participantes e a escola não serão identificados pelo nome em nenhum momento, tampouco as imagens serão divulgadas sem autorização prévia dos responsáveis pelos alunos e pela instituição.

Após a conclusão, os resultados gerais estarão à disposição das pessoas interessadas e a concludente compromete-se a socializar a pesquisa na escola e ceder uma cópia do trabalho completo. A participação nesta investigação é voluntária e será muito apreciada. Caso haja alguma dúvida ou comentário sobre esta pesquisa, sinta-se à vontade para telefonar a Regiane Silva Bastos no número ..., ou enviar-lhe um e-mail no endereço:... ou para a orientadora Prof.^a Dr.^a Meire Virginia Cabral Gondim, no email ...

Fortaleza, 03/09/2014

Meire Virginia Cabral Gondim

**APÊNDICE B - ENTREVISTA APLICADA AS PROFESSORAS OBSERVADAS NOS
MUNICÍPIOS DE CAUCAIA E FORTALEZA**

ENTREVISTA COM A PROFESSORA

1. Há quanto tempo está na docência? Há quanto tempo está na Educação Infantil? Há quanto tempo no Infantil V?
2. Quais são as principais atividades que são realizadas com as crianças?
3. Qual a frequência da contação de história na rotina das crianças?
4. Por que você conta histórias? Que papel você acredita que ela desempenha?
5. Como você conta as histórias?
6. Quais são as histórias que as crianças mais gostam de ouvir?
7. Quais são as histórias que você mais gosta de contar?

**APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM ENVIADA AOS PAIS
DOS ALUNOS DAS PROFESSORAS OBSERVADAS NOS
MUNICÍPIOS DE CAUCAIA E FORTALEZA**

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

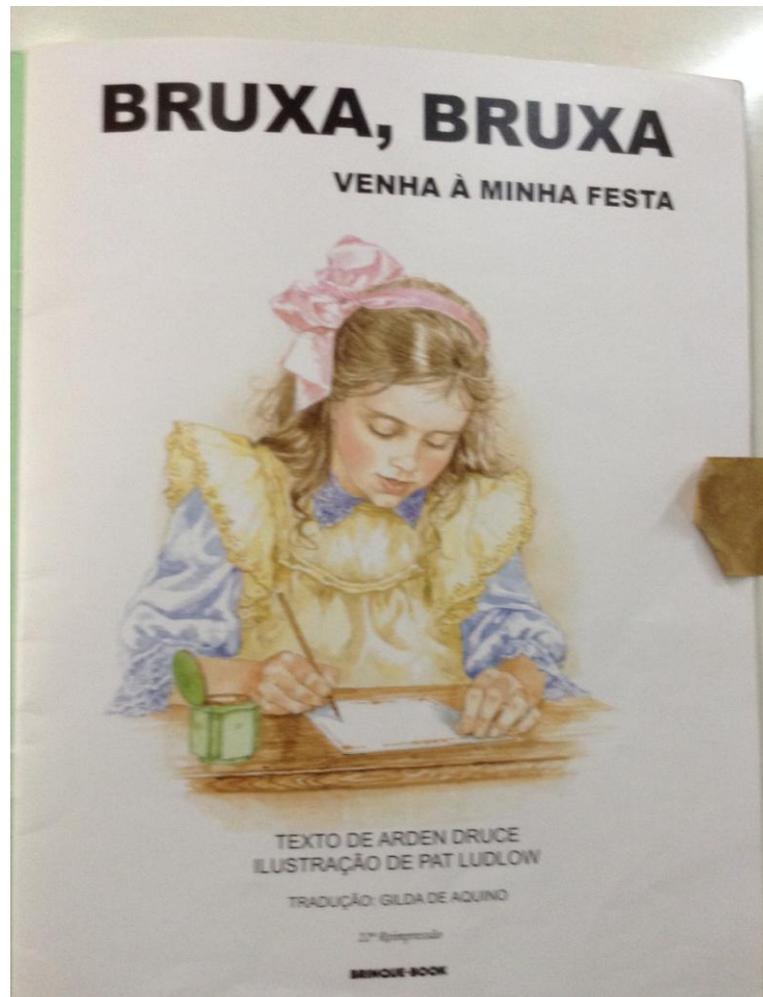
Eu, _____,
responsável pelo aluno(a) _____ da
turma do Infantil V manhã, autorizo que fotos que incluam meu filho(a)
sejam utilizadas para fins de pesquisa e conclusão do trabalho
acadêmico de Regiane Silva Bastos, portadora do RG ... - telefone ...,
aluna da Universidade Federal do Ceará - UFC

Estou ciente de que as imagens serão utilizadas apenas para fins
pedagógicos e não comerciais, resguardadas as limitações legais.

Ass. do responsável: _____

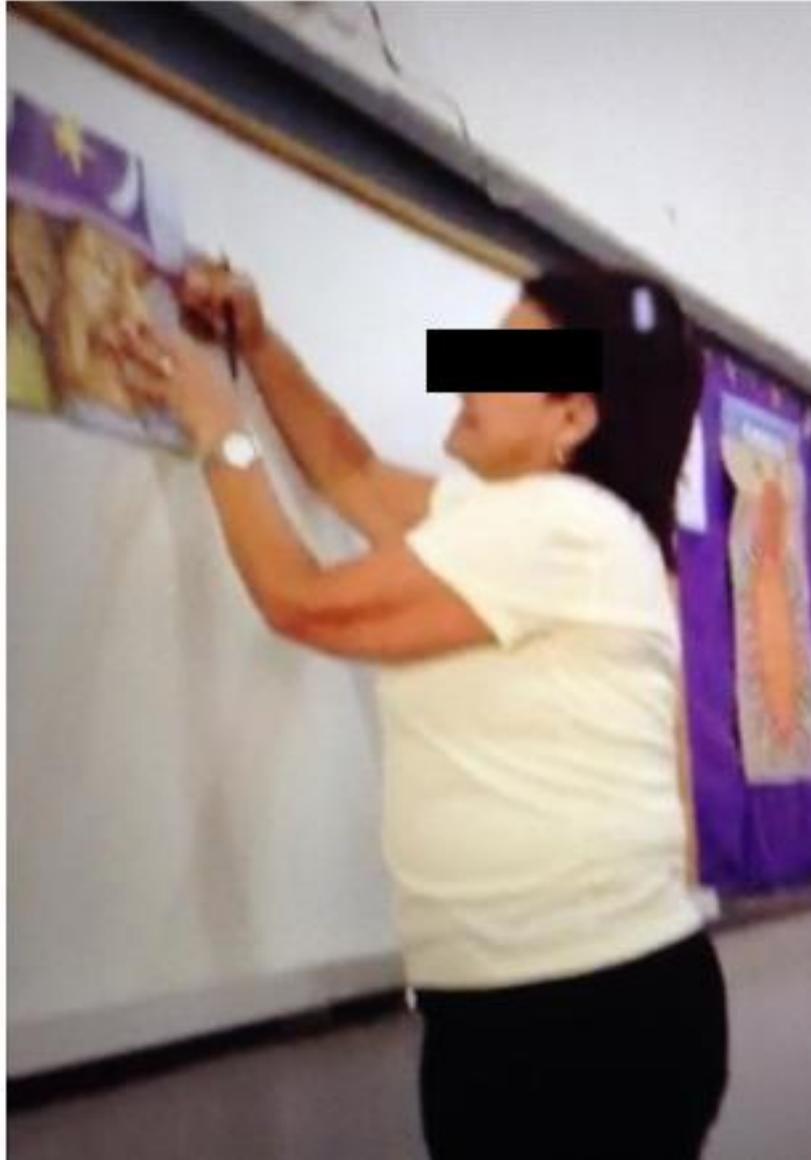
Fortaleza, 21 de novembro de 2014

**ANEXO A - CAPA DO LIVRO DA HISTÓRIA CONTADA PELA PROFESSORA 1
NO PRIMEIRO DIA DE OBSERVAÇÃO**



Fonte: Acervo do autor

ANEXO B - CONTAÇÃO DE HISTÓRIA DA PROFESSORA 1 NO PRIMEIRO DIA DE OBSERVAÇÃO



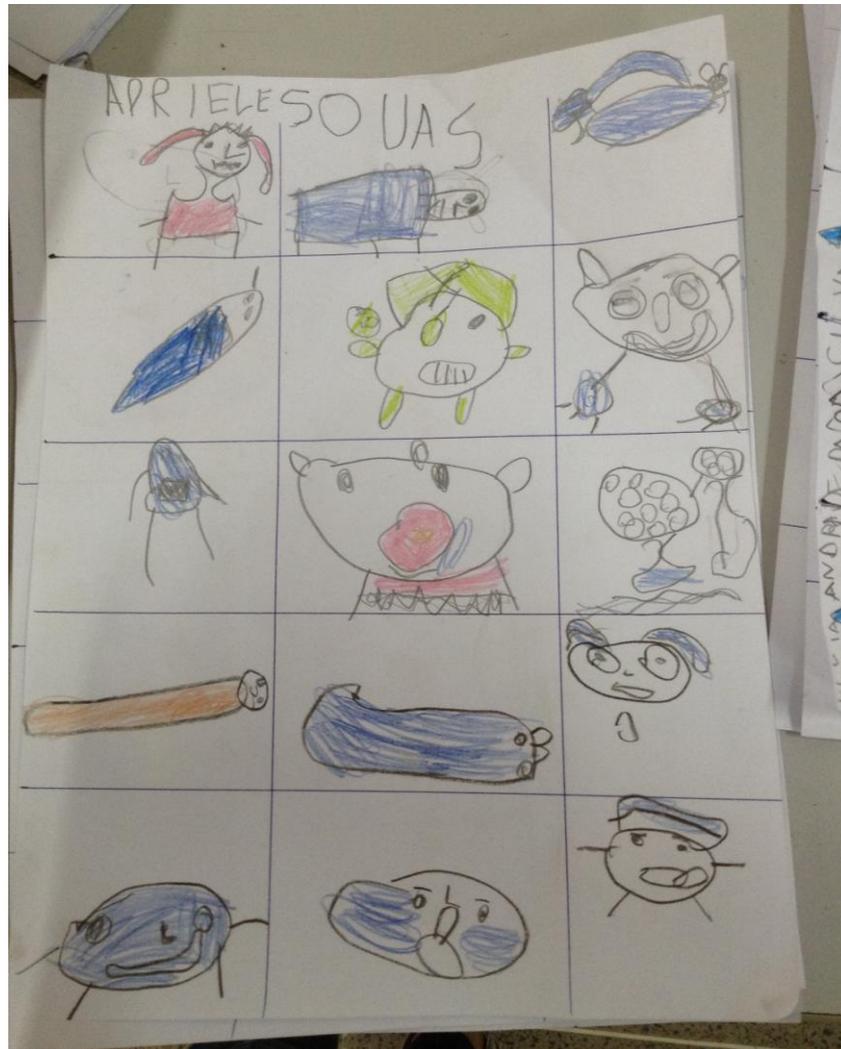
Fonte: Acervo do autor

ANEXO C - TRABALHO DAS CRIANÇAS DURANTE A ATIVIDADE DE RECONTO DA PROFESSORA 1 -A



Fonte: Acervo do autor

ANEXO D - TRABALHO DAS CRIANÇAS DURANTE A ATIVIDADE DE RECONTO DA PROFESSORA 1 -B



Fonte: Acervo do autor

ANEXO E - TRABALHO DAS CRIANÇAS DURANTE A ATIVIDADE DE RECONTO DA PROFESSORA 1 - C



Fonte: Acervo do autor

ANEXO F - CAPA DO LIVRO DA HISTÓRIA CONTADA NO SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO DA PROFESSORA 1



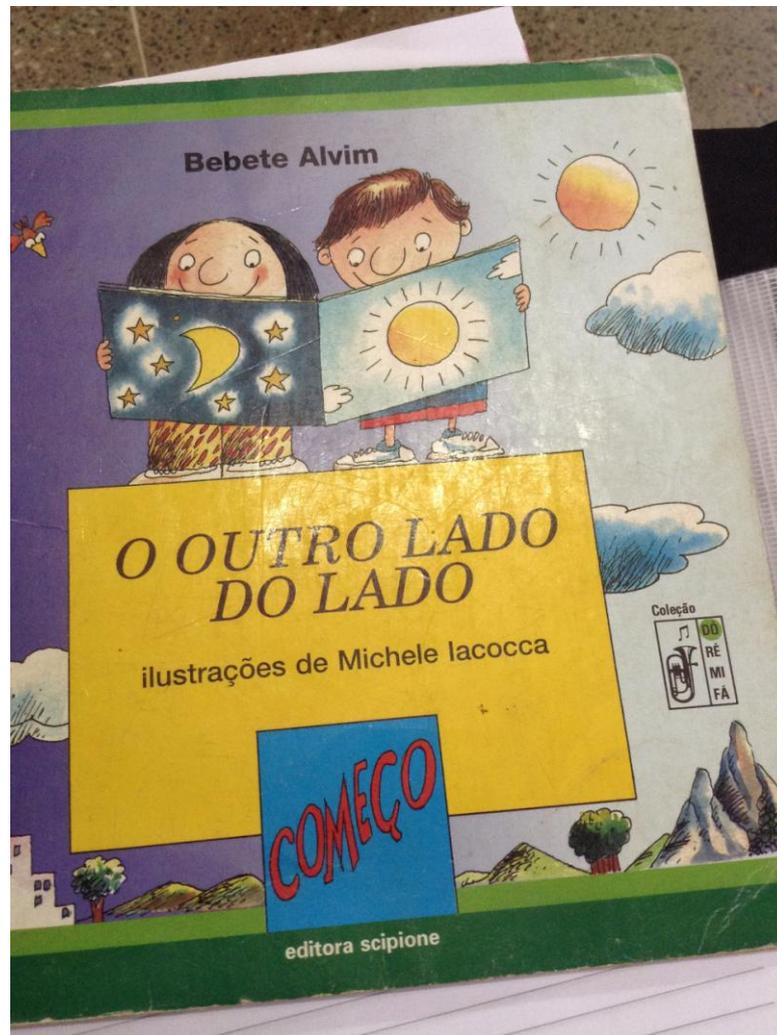
Fonte: Acervo do autor

ANEXO G - REALIZAÇÃO DA CONTAÇÃO PELA PROFESSORA 1 NO SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO



Fonte: Acervo do autor

**ANEXO H - CAPA DO LIVRO DA HISTÓRIA CONTADA PELA PROFESSORA 2
NO PRIMEIRO DIA DE OBSERVAÇÃO**



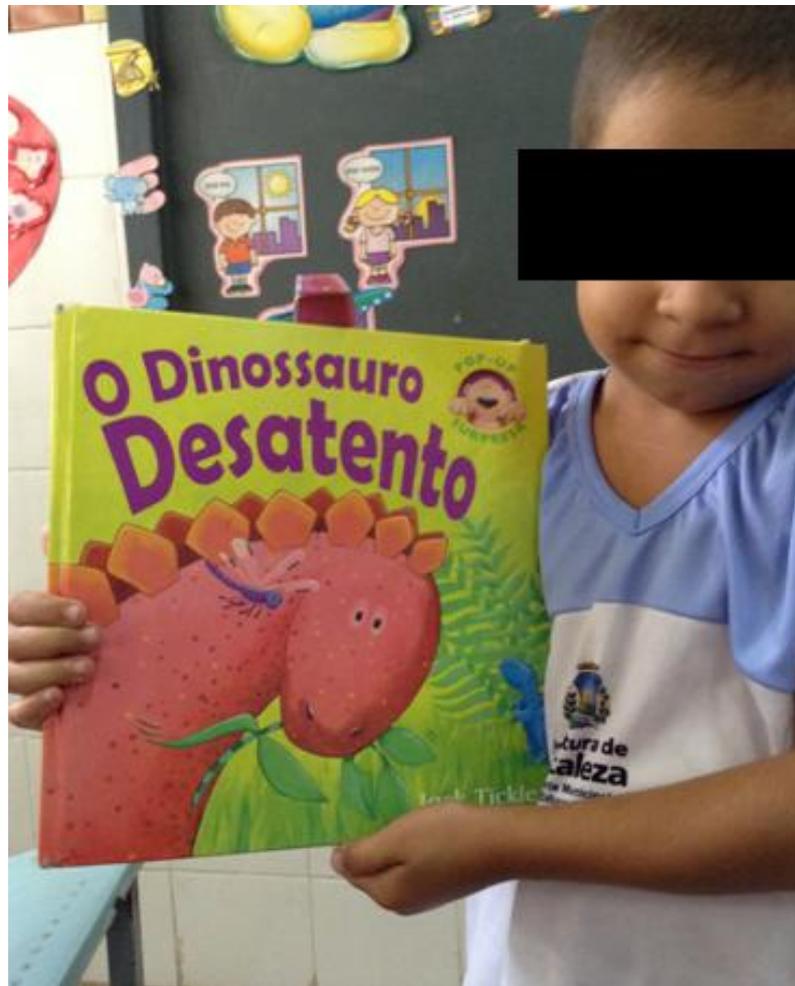
Fonte: Acervo do autor

ANEXO I - MOMENTO DO RECONTO DE HISTÓRIAS DA PROFESSORA 2 NO PRIMEIRO DIA DE OBSERVAÇÃO



Fonte: Acervo do autor

**ANEXO J - CAPA DO LIVRO DA HISTÓRIA CONTADA PELA PROFESSORA 2
NO SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO**



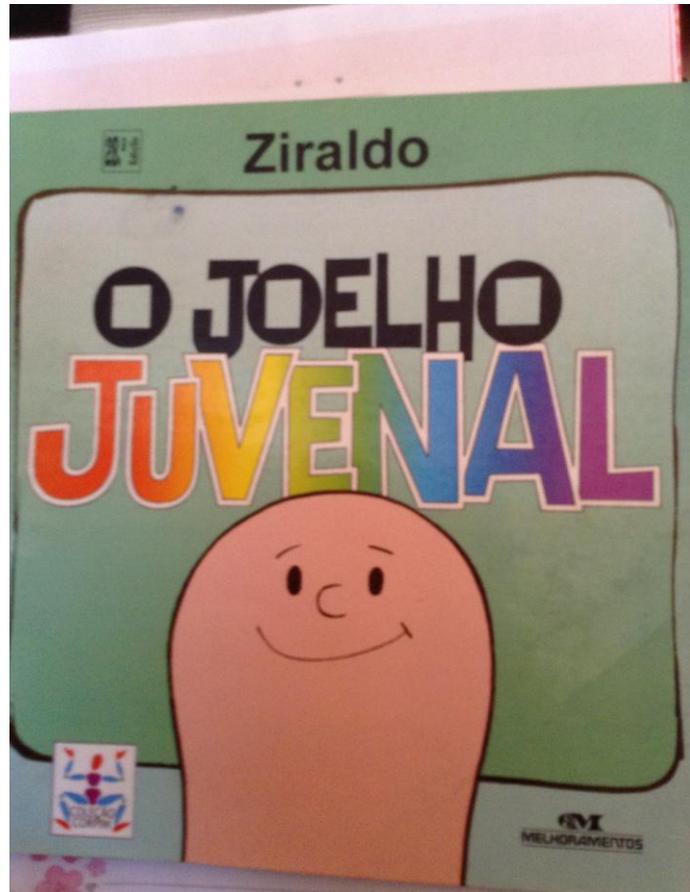
Fonte: Acervo do autor

**ANEXO K - CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO
DA PROFESSORA 2**



Fonte: Acervo do autor

**ANEXO L - CAPA DO LIVRO DA HISTÓRIA CONTADA PELA PROFESSORA 3
NO PRIMEIRO DIA DE OBSERVAÇÃO**



Fonte: Acervo do autor

ANEXO M - ATIVIDADE REALIZADA PELA PROFESSORA 3

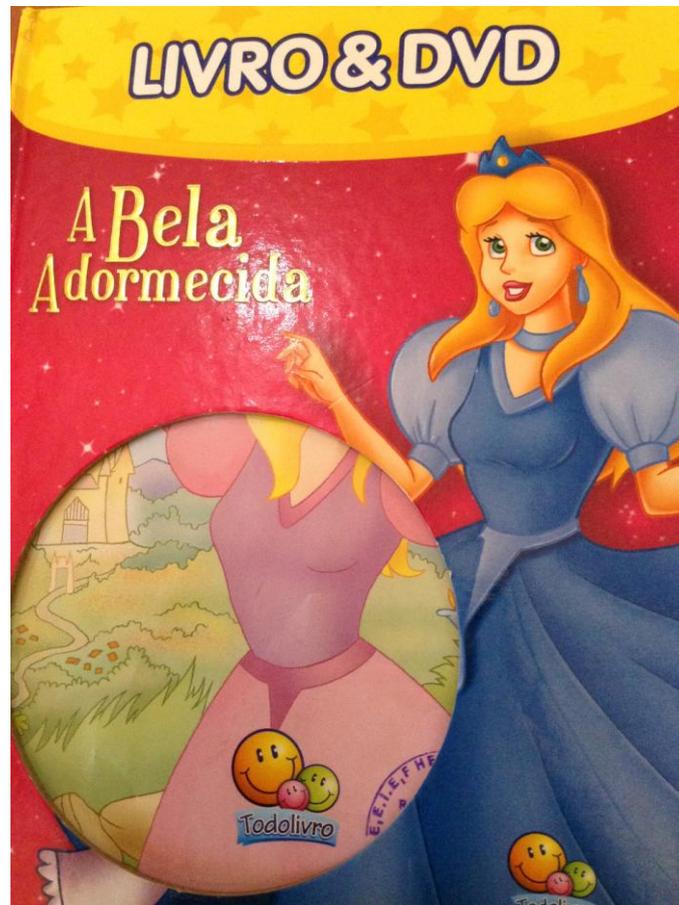
Fonte: Acervo do autor

ANEXO N - MOMENTO DE RECONTO E CONVERSA INFORMAL DA PROFESSORA 3 NO SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO



Fonte: Acervo do autor

**ANEXO O - CAPA DO LIVRO DA HISTÓRIA CONTADA PELA PROFESSORA 3
NO SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO**



Fonte: Acervo do autor

ANEXO P - ATIVIDADE REALIZADA PELA PROFESSORA NO SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO



Fonte: Acervo do autor

ANEXO Q - CRIANÇA PARTICIPANTE DA DRAMATIZAÇÃO DA SEGUNDA HISTÓRIA CONTADA PELA PROFESSORA 3 – COM PAPEL DO BRUXO



Fonte: Acervo do autor

ANEXO R - INTERPRETAÇÃO DAS CRIANÇAS COM PAPEL DE BELA ADORMECIDA E O PRÍNCIPE NO SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO

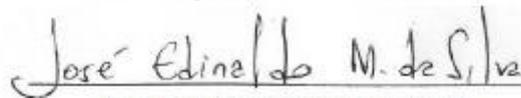


Fonte: Acervo do autor

ANEXO S – DECLARAÇÃO DE REVISOR**DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA**

Eu, José Edinaldo Monteiro da Silva, casado, CPF n.º 903.910.803-00, Carteira de Identidade n.º 970020169-34, SSP-CE, graduado em Letras pela Universidade Federal do Ceará, portador do diploma de n.º 86004, devidamente registrado no Ministério da Educação, declaro, para a Universidade Federal do Ceará (UFC)/Faculdade de Educação (FACED), que revisei o trabalho de conclusão de curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, intitulado “**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: ANÁLISE DE RECURSOS E DE ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELAS PROFESSORAS NAS TURMAS DE INFANTIL V**”, de REGIANE SILVA BASTOS. Declaro ainda que o presente trabalho de conclusão de curso encontra-se de acordo com as normas ortográficas e gramaticais vigentes, com o manual de normalização da UFC e normas vigentes da ABNT.

Fortaleza, 09 de fevereiro de 2015



José Edinaldo Monteiro da Silva

CPF: 903.910.803-00

Graduado em Letras Port. e Literaturas de Língua Portuguesa – UFC